



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

# Memorial

***Pelos corpora da vida***

**Prof. Dr. Guilherme Fromm**

Uberlândia  
2025

# **MEMORIAL DESCRITIVO PARA PROMOÇÃO À CLASSE DE PROFESSOR TITULAR DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR**

**Prof. Dr. Guilherme Fromm**

Memorial apresentado ao Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como parte dos requisitos exigidos para a Promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme art. 3º da Portaria do MEC nº 982, de 03 de outubro de 2013, e a Resolução 03/2017, de 09 de junho de 2017, do CONDIR/UFU.

Uberlândia  
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

F932p      Fromm, Guilherme, 1968-  
2025      Pelos *corpora* da vida [recurso eletrônico] / Guilherme Fromm. -  
2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe D - Professor Titular) -  
Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5553>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - Formação. 2. Linguística. 3.  
Linguagem. 4. Literatura. I. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto  
de Letras e Linguística. II. Título.

CDU: 378.124

---

Rejâne Maria da Silva  
Bibliotecária-Documentalista – CRB6/1925

## RESUMO

Este memorial, apresentado ao Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, procura demonstrar as diferentes *personae* que fui desempenhando ao longo da minha vida como discente e como profissional da educação, tanto pré-acadêmica quanto acadêmica: o aluno, o professor, o pesquisador, o orientador, o autor, o editor e o administrador. Junto à descrição das atividades, procuro, sempre que possível, tecer comentários e reflexões sobre o que foi ou é ter exercido determinados papéis na minha vida.

## Lista de figuras

|                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1– Termo computador, no VoTec original, forma de exibição completa.   | 17 |
| Figura 2 – Termo computador, no VoTec original, com exibição modular. ....   | 17 |
| Figura 3 – Curso de Especialização na UNIBAN. ....                           | 24 |
| Figura 4 – Print de tela do software ComAPrend. ....                         | 45 |
| Figura 5 – Exemplo de projeto (AngCiV) na plataforma VoTec, versão 2.1. .... | 47 |
| Figura 6 – Métricas do pesquisador Guilherme Fromm. ....                     | 49 |
| Figura 7 – Citações Guilherme Fromm (Lattes). ....                           | 50 |
| Figura 8 – Nuvem de palavras dos textos de Guilherme Fromm. ....             | 51 |
| Figura 9 – Nuvem de palavras dos textos de Guilherme Fromm e coautores. ..   | 51 |
| Figura 10 – Capas dos livros Domínios de Linguagem. ....                     | 53 |
| Figura 11 – Capas da DL. ....                                                | 55 |
| Figura 12 – Capa da Revista GTLex. ....                                      | 57 |
| Figura 13 – Livros da série e-Classe. ....                                   | 59 |
| Figura 14 – Plataforma Terminologia em Ficção. ....                          | 63 |
| Figura 15 – Pontuação de promoção/progressão UFU. ....                       | 75 |

## Lista de Quadros

|                                                                      |    |
|----------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 – Produção na área de Tradução. ....                        | 38 |
| Quadro 2 – Produção na área de Língua Inglesa. ....                  | 38 |
| Quadro 3 – Produção relacionada à Linguística de Corpus. ....        | 40 |
| Quadro 4 – Produção relacionada aos Estudos do Léxico. ....          | 43 |
| Quadro 5 – Produção relacionada ao desenvolvimento de software. .... | 46 |
| Quadro 6 – Produção relacionada à Taxonomia da Linguística. ....     | 48 |
| Quadro 7 – Totalização da pontuação de progressões/promoções. ....   | 75 |

## Sumário

|                                                                   |           |
|-------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 Apresentação .....</b>                                       | <b>10</b> |
| <b>2 Formação – o aluno.....</b>                                  | <b>11</b> |
| 1.1 Formação pré-universitária .....                              | 11        |
| 1.2 Formação universitária (e uns toques profissionais) .....     | 12        |
| 1.2.1 Bacharelado em História.....                                | 12        |
| 1.2.2 Pausa dramática para um estágio no exterior.....            | 13        |
| 1.2.3 Bacharelado em Letras Português/Alemão .....                | 13        |
| 1.2.4 Especialização em Tradução.....                             | 14        |
| 1.2.5 Mestrado em Linguística.....                                | 15        |
| 1.2.6 Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês .. | 15        |
| 1.2.7 Licenciatura.....                                           | 18        |
| 1.2.8 Pós-doutorado em Ciências do Léxico.....                    | 18        |
| <b>3 Atuação profissional .....</b>                               | <b>20</b> |
| 3.1 O professor.....                                              | 20        |
| 3.1.1 Professor pré-universitário .....                           | 20        |
| 3.1.2 Professor universitário nas particulares .....              | 22        |
| 3.1.2.1 UniABC .....                                              | 22        |
| 3.1.2.2 UNIBAN .....                                              | 23        |
| 3.1.2.3 UMESP .....                                               | 25        |
| 3.1.2.4 FTS .....                                                 | 25        |
| 3.1.2.5 FIAP .....                                                | 26        |
| 3.1.3 Professor universitário na UFU .....                        | 26        |
| 3.1.3.1 Graduação.....                                            | 27        |
| 3.1.3.1 Extensão .....                                            | 28        |
| 3.1.3.1 Especialização .....                                      | 29        |
| 3.1.3.1 Pós-graduação .....                                       | 29        |
| 3.2 O pesquisador.....                                            | 30        |
| 3.2.1 Grupos de pesquisa .....                                    | 30        |
| 3.2.2 Projetos de pesquisa .....                                  | 32        |
| 3.2.3 Apresentações de trabalhos .....                            | 34        |
| 3.2.4 Pareceres e outros trabalhos técnicos .....                 | 34        |
| 3.2.5 Entrevistas.....                                            | 35        |
| 3.2.6 Bancas .....                                                | 35        |

|                                                      |    |
|------------------------------------------------------|----|
| 3.2.7 Organizações científicas .....                 | 35 |
| 3.3 O autor.....                                     | 37 |
| 3.3.1 Tradução.....                                  | 37 |
| 3.3.2 Ensino de língua inglesa .....                 | 38 |
| 3.3.3 Linguística de Corpus .....                    | 39 |
| 3.3.4 Léxico .....                                   | 42 |
| 3.3.5 Desenvolvimento de software.....               | 45 |
| 3.3.6 Taxonomia da Linguística.....                  | 48 |
| 3.3.7 Métricas de citação.....                       | 49 |
| 3.3.8 Nuvem de palavras.....                         | 50 |
| 3.4 O editor.....                                    | 52 |
| 3.4.1 Livros Domínios de Linguagem .....             | 52 |
| 3.4.2 Revista Domínios de Lingu@gem.....             | 54 |
| 3.4.3 Revista GTLex.....                             | 57 |
| 3.4.4 Revista Letras & Letras.....                   | 58 |
| 3.4.5 Coordenação de coleção de livros e-Classe..... | 58 |
| 3.4.6 A participação em fóruns de editores .....     | 60 |
| 3.4.7 Ser editor é... ..                             | 61 |
| 3.5 O orientador.....                                | 62 |
| 3.5.1 Graduação .....                                | 62 |
| 3.5.2 Iniciação científica (IC) .....                | 63 |
| 3.5.3 Mestrado.....                                  | 65 |
| 3.5.4 Área complementar de doutorado .....           | 66 |
| 3.5.5 Doutorado .....                                | 67 |
| 3.5.6 Supervisão de pós-doutorado .....              | 68 |
| 3.6 O gestor .....                                   | 69 |
| 3.6.1 Gestão científico-acadêmica .....              | 69 |
| 3.6.1.1 Conselhos de periódicos.....                 | 70 |
| 3.6.1.2 Bancas em comissões julgadoras .....         | 70 |
| 3.6.2 Gestão institucional .....                     | 70 |
| 3.6.2.1 LabLing .....                                | 71 |
| 3.6.2.2 Núcleos.....                                 | 71 |
| 3.6.2.3 Comissões .....                              | 72 |
| 3.6.2.4 Colegiados .....                             | 72 |

|                                     |           |
|-------------------------------------|-----------|
| 3.6.2.5 Conselhos.....              | 72        |
| 3.6.2.6 Coordenador de curso .....  | 73        |
| 3.6.2.7 Editora da UFU .....        | 73        |
| 3.6.2.8 DIRPS.....                  | 74        |
| 3.7 Métricas .....                  | 74        |
| <b>4 Considerações finais .....</b> | <b>76</b> |

**Corpus**    *Datação: 1873    Língua: latim    Pronúncia: korpus*

n substantivo masculino

1        coletânea ou conjunto de documentos sobre determinado tema

2        Derivação: por analogia.

**repertório ou conjunto da obra de uma pessoa** ou a ela atribuída

Ex.: o c. *da lírica camoniana*

3        Rubrica: linguística.

conjunto de enunciados numa determinada língua, ger. colhidos de atos reais da fala, que servem de material para análise linguística

4        Rubrica: linguística, semiologia.

conjunto de enunciados (que são indefinidamente possíveis), constituído por amostras significativas da gramática de determinada língua

Ex.: o c. *sintagmático do português*

Locuções

• ***c. alienum***

Rubrica: termo jurídico.

corpo estranho ao objeto de uma ação

• ***C. Christi***

Rubrica: liturgia católica.

a celebração mística do corpo de Cristo realizada na quinta-feira posterior ao domingo da Santíssima Trindade

Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa (grifo meu).

## 1 Apresentação

Como é de se esperar, apresentar um resumo de sua vida acadêmica se constitui num grande desafio (ainda mais para uma pessoa como eu, que sempre se considerou “desmemoriada”). Para superar esse desafio, me propus, nesta empreitada, em apresentar os vários “eus” que fui desempenhando nesses 39 anos de vida profissional e universitária (nos papéis de aluno e professor).

Embora (e, talvez, por causa de ser) um tanto quanto desmemoriado, sempre fui um grande arquivista das minhas diversas fases. Desde cadernos escolares até o ultimíssimo certificado cadastrado no Lattes, meus armários (na parte física) e minha nuvem (na parte computacional) estão repletos de documentos do que fui produzindo ao longo da vida.

Pretendo demonstrar, com este memorial, os caminhos e escolhas que fui tomando em todos esses anos no ambiente universitário (e um pouco fora dele, também).

## 2 Formação – o aluno

Neste capítulo, começo com um primeiro papel, que todos nós desempenhamos, que é o papel do aluno.

### 1.1 Formação pré-universitária

Comecei na escola no jardim da infância, seguido por um pré-primário. Ainda nessa época, contava com meus avós paternos, que falavam em alemão comigo. A partir do primeiro ano do ensino fundamental, meus pais me matricularam numa escola católica de bastante renome na cidade de São Paulo, que é o Colégio Marista Arquidiocesano. Foram onze anos, da primeira série do primário ao terceiro colegial estudando na mesma escola (até a sexta série no período vespertino, a partir da sétima série no período matutino).

Estando alfabetizado, me tornei um grande fã de três tipos de leitura: contos de fadas (principalmente os árabes e os dos irmãos Grimm), Monteiro Lobato (fiz meu pai comprar todos os livros infantis dele) e quadrinhos do Maurício de Souza (e, posteriormente, de super-heróis da Marvel e da DC), paixão essa que continua até hoje. Para um garoto tímido, ler era o melhor passatempo. Nascia, nesse momento, o duplo papel de aluno e leitor. Para os poucos momentos de televisão que me eram permitidos, seriados como o do Batman, os do diretor Irwin Allen (Viagem ao fundo do mar, Túnel do tempo, Perdidos no espaço) e a minha maior paixão em ficção científica, que era (e é) Jornada nas Estrelas (Star Trek).

Embora meus progenitores não tivessem grande formação (meu pai estudou até o curso técnico, equivalente ao colegial, e minha mãe parou no ensino fundamental), meu pai acreditava que a educação era tudo de melhor que podia deixar para os filhos. Ele sempre estimulou que eu e minha irmã fizéssemos cursos extras (e esportes), além da escola. Particularmente, aproveitei bastante o financiamento paterno para estudar línguas, computação e qualquer

oportunidade que surgisse. Esses cursos foram me moldando como um futuro pesquisador e entusiasta nas áreas de língua e de computação.

## 1.2 Formação universitária (e uns toques profissionais)

A final do Ensino Médio (colegial), fiz um teste vocacional que foi tudo, menos vocacional, já que, como resultado, me apresentava várias opções prováveis (os famosos *matches* atuais) de carreira. Dada a absoluta indefinição apresentada pelo teste, a pressão paterna para eu fazer um curso técnico (ou um curso de administração, dado que ele era empresário e eu já teria uma empresa para administrar), uma grande admiração que tinha pela História (tanto pela disciplina em si quanto pelo professor, que me inspirou muito) e por línguas, prestei quatro vestibulares ao fim do colegial: História (USP), Inglês (PUC/SP e Mackenzie) e Administração (FMU). Fui aprovado nos quatro exames, mas, como passei no vestibular da USP (depois da façanha de ter conseguido notas 0,3 em Matemática e Física), a mais renomada das universidades públicas, decidi que por lá iniciaria meus estudos acadêmicos.

### 1.2.1 *Bacharelado em História*

Comecei meu curso de bacharelado em História, na USP, em 1986, com bastante entusiasmo (o segundo da família, tanto paterna quanto materna, a entrar numa universidade pública). Com o passar dos anos, no entanto, confesso que minha paixão pela profissão (mas não pelo tema) foi decaindo. Percebi, infelizmente, que o campo de trabalho era muito restrito, se resumindo, basicamente, ao papel de professor de história. Acabei totalizando o curso em 4,5 anos (finalizando em 1990) e não cursei a licenciatura a qual tinha direito.

### 1.2.2 *Pausa dramática para um estágio no exterior*

Como meu pai era empresário e fornecia peças para uma firma alemã, ele aproveitou a visita de um diretor da matriz da empresa na filial brasileira e perguntou se eu poderia fazer um estágio por lá (ainda com a esperança de que eu me decidisse por uma carreira mais ligada à área técnica ou administrativa). Topei, imediatamente, viver uma experiência no exterior, especialmente porque, na época, eu estava estudando alemão (primeiro na escola particular Teuto e, depois, no Instituto Goethe) e já tinha o primeiro certificado na língua, o *Deutsch als Fremdsprache Zertifikat* (que obtive no primeiro semestre de 1990). Estagiei na Edward Scharwächter GmbH, EDSCHA, Alemanha (na cidade de Remscheid), entre o segundo semestre de 1990 e o primeiro semestre de 1991. Além de todo o aprendizado de uma nova língua e uma nova vida (sem o auxílio dos pais), ainda vivenciei grandes momentos daquele país, como a queda do muro de Berlim. O estágio numa indústria, no entanto, me mostrou que uma das profissões que o meu pai me indicava (ferramenteiro) decididamente não era para mim.

Depois de um giro pela Europa (como mochileiro), e de volta ao Brasil, comecei a procurar emprego em firmas alemãs. Infelizmente, como era de costume no país, mais uma crise econômica se fazia presente e não consegui nenhuma colocação. Trabalhei por 5 meses numa firma perto da casa dos meus pais e, muito insatisfeito com a situação, decidi, por conta própria, a partir de 1992, a começar a dar aulas de inglês e alemão. A inspiração para o magistério veio da época em que eu cursava o colegial, quando, num programa social da escola, fui dar aulas de português em uma favela da zona sul de São Paulo.

### 1.2.3 *Bacharelado em Letras Português/Alemão*

Comecei a tomar gosto pela profissão de professor e decidi fazer mais uma graduação, dessa vez em línguas, pois sentia que precisava de uma nova base para continuar ensinando. Acabei prestando vestibular para o curso de Espanhol

em 1993, na USP, mas só cursei, no mesmo ano, disciplinas obrigatórias para todas as línguas estrangeiras. Com o alemão ainda fresco na cabeça, prestei vestibular novamente na USP (com uma melhora nas minhas notas de Matemática (1,7) e Física (0,9)) para o bacharelado duplo Alemão/Português, em 1994, e comecei o curso no mesmo ano. Terminei o mesmo em 1997, já atuando como professor de inglês em empresas e, eventualmente, como professor de alemão particular; no mesmo período do curso, abri uma escola de línguas com um sócio (cujas sociedades durou apenas 2 anos) e depois uma empresa de línguas (para poder emitir notas fiscais). Entre agosto de 1997 e fevereiro de 1999, trabalhei, como professor de inglês, na Fundação Fisk, para ter uma fonte de renda mais estável.

#### 1.2.4 *Especialização em Tradução*

Enquanto trabalhava como professor particular e na Fisk, comecei a nutrir um desejo de continuar com meus estudos em nível de pós-graduação. No período entre as aulas que ministrava (muitas aulas), comecei a traduzir textos do inglês para o português. Isso me motivou a entrar no curso de Especialização em Tradução da USP, *latu-sensu* de 720 horas (que não existe mais), em 1998. Um diploma de especialista validaria minha trajetória como tradutor.

Durante o curso, com uma disciplina da profa. Stella Esther Ortweiller Tagnin, fui apresentado à abordagem e à metodologia da Linguística de *Corpus*, que marcaram minha vida intelectual a partir daquele momento. E, com uma disciplina do prof. Francis Henrik Aubert, entrei em contato com as áreas de Terminologia e Terminografia. Fiquei bastante interessado neste universo e, já que estava por ali (na USP), decidi começar um mestrado que envolvesse esses dois universos, a Linguística de *Corpus* e a Terminologia/Terminografia.

### 1.2.5 Mestrado em Linguística

Em agosto de 2000, comecei o mestrado em Linguística, sendo orientado pelo prof. Francis Henrik Aubert. Fiz mais uma disciplina de Linguística de *Corpus* com a profa. Stella (se não me engano, a primeira turma dela na pós-graduação com esse tema) e travei contato com inúmeras teorias das Ciências do Léxico com as preciosas aulas das professoras Maria Aparecida Barbosa e Ieda Maria Alves. Defendi minha dissertação, intitulada “Proposta para um modelo de glossário de informática para tradutores”, em fevereiro de 2003. Nela apresentei uma proposta de elaboração de um vocabulário bilíngue inglês/português, na área de informática, tendo como base um *Corpus* jornalístico. Notei, durante a elaboração do trabalho, que o futuro da área de Terminografia estava ligado à informatização, mas não havia muitos programas disponíveis para elaborar trabalhos terminográficos; esta questão acabou por permear a continuação dos meus estudos em nível de pós-graduação.

### 1.2.6 Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês

A partir de julho de 2003, comecei meu doutorado sob a orientação da profa. Stella. Decidi me aprofundar naquilo que já havia trabalhado no mestrado, com as áreas de Terminografia Bilíngue e Linguística de *Corpus*. Como já havia percebido no mestrado que a elaboração de projetos terminográficos deveria avançar para a informatização, acabei me aproximando da área de desenvolvimento de *software*. Até hoje não sei programar (infelizmente!), mas sinto que sou um bom tradutor na transmissão da ideia daquilo que preciso no diálogo com o pessoal que desenvolve programas.

Durante o doutorado, entrei em contato, por uma dica da profa. Stella, com o Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC), do ICMC/USP de São Carlos. Por sugestão da profa. Sandra Maria Aluísio (do NILC, que participou da minha banca de qualificação), pedi um orçamento de

desenvolvimento de *software* para a Empresa Jr. do ICMC. A empresa acabou desenvolvendo o *software* para a tese, cuja versão original, até hoje, ainda está disponível (na página <http://treino.votec.ileel.ufu.br>). Nessa página, além dos testes da versão inicial (nas áreas de Computação e Linguística) do *software*, também podemos encontrar alguns trabalhos de alunos de mestrado que orientei quando comecei no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Destaco os projetos de Linguística Histórica (Márcio Issamu Yamamoto) e Turismo (Danila Alves Carvalho).

O *software* desenvolvido, denominado VoTec (Vocabulário Técnico Online), apresentou várias novidades: proposta da metodologia da pesquisa baseada totalmente em Linguística de *Corpus*, fornecendo exemplos reais de uso da língua (retirados dos *corpora* levantados durante a pesquisa) e desenvolvimento de definições que obedecem ao estado da arte da temática pesquisada em cada língua (a definição de um termo em português não é igual à definição do termo equivalente em inglês, já que as definições são elaboradas a partir de *corpora* equivalentes, e não paralelos). Por estas características, costumo denominar, hoje em dia, o VoTec original como um *software* que apresenta uma página de consulta monolíngue em contraste (apresenta dois verbetes, em inglês e português, que são equivalentes conceitualmente, mas não necessariamente com a mesma microestrutura), como podemos notar na figura 1.

Além da questão do monolíngue em contraste, introduzi as possibilidades dos consulentes escolherem uma microestrutura já formatada para um usuário específico (tradutores, no caso) ou montar sua própria microestrutura a partir dos dados do banco, usando a possibilidade modular, conforme a figura 2. O verbeito é o mesmo da figura 1, mas, como podemos ver na caixa de seleção do lado esquerdo, apenas os campos de definição e exemplo estão ligados; portanto, só esses campos aparecem na microestrutura.

Figura 1– Termo computador, no VoTec original, forma de exibição completa.

Vocabulário Técnico Online Tela Cheia | English | Ajuda

Computação Escolha uma área

Buscar

**Tipos de Exibição**  
Normal  
Descritiva

**Tipos de Consulta**  
Total  
Tradutor  
Modular

**Consultas Externas**  
Corpus NILC  
Google  
Answers.com  
Wikipedia  
CORTEC

▼ Português

[Voltar ao resultado da busca](#)

**computador.** *Computadores.* s.m.s. máquina capaz de realizar tarefas de tratamento de informações em alta velocidade com precisão, formada por circuitos e dispositivos. Ex.: O termo 'Computador' é utilizado hoje em dia para nos referirmos a um conjunto de componentes que, juntos, formam a 'máquina' que conhecemos. Esses componentes se dividem em duas partes principais: Hardware e Software. *Hipônimo de:* máquina. *Hiperônimo de:* Hardware; software. *Veja Também:* [aplicativos](#). *Corpus: Posição na Ordem de Frequência:* (25); *Nº de Ocorrências do termo:* (3380). **Informações Enciclopédicas:** Denomina-se computador uma máquina capaz de variados tipos de tratamento automático de informações ou processamento de dados. O computador é o elemento fundamental da Ciência da Computação, também descrita corriqueiramente como informática. Exemplos de co Em: *Computador* - [Wikipedia](#)

▼ English

[Go back to search results](#)

**computer.** *Computers.* n.m/f.s. device with a microprocessor that receives inputs, processes it and displays results. Ex.: There are a lot of terms used to describe computers. Most of these words imply the size, expected use or capability of the computer. While the term computer can apply to virtually any device that has a microprocessor in it. *Hyponym of:* device. *See Also:* [applications](#). *Corpus: Frequency order position:* (52); *Term number of occurrences:* (1644). **Encyclopedic Information:** A computer is a machine for manipulating data according to a list of instructions. em: *Computer* - [wikipedia](#)

08/01/2025 14:18 © 2007 Guilherme Fromm - ICMC Jr.  
Termo elaborado por [Guilherme Fromm](#) (pt)

Figura 2 – Termo computador, no VoTec original, com exibição modular.

Vocabulário Técnico Online Tela Cheia | English | Ajuda

Computação Escolha uma área

Buscar

**Tipos de Exibição**  
Normal  
Descritiva

**Tipos de Consulta**  
Total  
Tradutor  
**Modular**

**Pré-definição**  
[Abreviatura](#)  
Categoria Gramatical  
Gênero  
Número  
Ontologia  
Variações Morfossintáticas

**Definição**  
[Definição](#)  
Forma por Extenso  
Corpus

**Exemplificação**  
[Exemplos](#)  
Informações Enciclopédicas

**Relações**  
Remissiva  
Sinônimos  
Antônimos  
Hipônimo  
Co-hipônimos  
Hiperônimo

▼ Português

[Voltar ao resultado da busca](#)

**computador.** máquina capaz de realizar tarefas de tratamento de informações em alta velocidade com precisão, formada por circuitos e dispositivos. Ex.: O termo 'Computador' é utilizado hoje em dia para nos referirmos a um conjunto de componentes que, juntos, formam a 'máquina' que conhecemos. Esses componentes se dividem em duas partes principais: Hardware e Software.

▼ English

[Go back to search results](#)

**computer.** device with a microprocessor that receives inputs, processes it and displays results. Ex.: There are a lot of terms used to describe computers. Most of these words imply the size, expected use or capability of the computer. While the term computer can apply to virtually any device that has a microprocessor in it.

Defendi a tese em janeiro de 2008. O VoTec, no entanto, está em desenvolvimento contínuo até os dias de hoje.

### *1.2.7 Licenciatura*

Depois de dois bacharelados (História e Alemão/Português), uma especialização (Tradução), um mestrado (Linguística) e um doutorado (Inglês), comecei a prestar a atenção em concursos para universidades públicas. Notei que alguns editais exigiam que o candidato possuísse uma licenciatura. Como ainda estava em tempo de cursar as licenciaturas da minha segunda graduação (Alemão/Português) na USP, decidi fazer a licenciatura em Português (na época, já estava muito claro, para mim, que não havia campo para dar aulas de alemão no Ensino Fundamental ou Médio, a não ser que me mudasse para o sul do Brasil). Iniciei essa licenciatura ainda em 2005, durante o doutorado, mas fui cursando com muita parcimônia, por causa da tese, e só a finalizei no meio de 2009.

### *1.2.8 Pós-doutorado em Ciências do Léxico*

Depois de alguns anos administrando a fila de saídas dos professores do curso de inglês da UFU para pós-doutorado, fui, finalmente, contemplado com a minha própria saída. Já tendo travado contato com a professora Gladis de Almeida Barcelos (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar), através de seus textos (lidos durante o doutorado), perguntei a ela se se interessaria em me supervisionar em um pós-doutorado, o que ela prontamente aceitou.

Comecei meu pós-doutorado em agosto de 2016 e, imediatamente, a visitei na UFSCar. Combinamos, já que os meios de comunicação permitiam, que seria uma supervisão mediada por contatos via computador. Fui desenvolvendo, no segundo semestre de 2016, as bases do que seria uma metaferramenta computacional (o MetaLex, explicado adiante) para as Ciências do Léxico.

Fui convidado, no entanto, pela nova administração da UFU, em janeiro de 2017, a assumir a direção da editora da universidade; como aceitei a empreitada e não poderia estar afastado para tomar posse, tive que encurtar meu pós-doutorado para menos de 6 meses, ao invés dos 12 pretendidos. Embora um tanto quanto corrido, esse pós-doutorado foi muito proveitoso, pois nele confirmei uma das minhas vocações, que é o desenvolvimento (teórico) de produtos computacionais para a área do Léxico.

## 3 Atuação profissional

Ao invés de apenas uma ficha corrida do que realizei desde que me entendo por professor, prefiro elaborar uma descrição (e algumas reflexões) a partir das funções que fui exercendo, nas universidades e fora delas, dos *corpora* que fui habitando.

### 3.1 O professor

O magistério é o cerne da minha pessoa profissional, a linha mestra que me guia por quase toda a minha carreira. Descrevo, nesta seção, meus 33,5 anos consecutivos de magistério.

#### 3.1.1 Professor *pré-universitário*

Como já colocado, meu primeiro contato com o magistério se deu por um programa, no Ensino Médio, que colocava os alunos como professores alfabetizadores em favelas da zona sul da cidade de São Paulo. Embora um tanto quanto conturbada (pois até traficantes ficavam de olho nas aulas), foi uma experiência que ficou dormente no meu imaginário.

Quando voltei do meu estágio na Alemanha e percebi que, para variar, a situação econômica do país estava ruim e que não havia grandes perspectivas, retomei a ideia de aulas. Já havia estudado inglês, ainda adolescente, em inúmeras escolas (desde as mais desconhecidas, cujos nomes não me lembro, até as mais famosas, como a União Cultural Brasil-Estados Unidos e a Cultura Inglesa). Aproveitei uma oportunidade e minha dentista se tornou a minha primeira aluna particular de inglês, a partir de 1991.

Como a ideia de ser professor particular começou a prosperar, resolvi abrir uma empresa, em 1992, com um colega que cursou História comigo na USP. Depois de desfeita essa sociedade, aluguei uma salinha, ao lado da estação Praça

da Árvore do metrô de São Paulo, para me dedicar às aulas particulares, tanto de inglês quanto de alemão. Entre a primeira empresa, essa salinha e a posterior troca por uma salinha de aula na casa dos meus pais (pois o aluguel ficou caro em mais uma crise do país), foram 5 anos, até 1997.

Ainda com esperança em relação a ministrar aulas de alemão, continuei estudando no Instituto Goethe e consegui um certificado de alemão intermediário (*Zentrale Mittelstufenprüfung Zeugnis*) em 1994. O mercado, no entanto, foi me empurrando, cada vez mais, para as aulas de inglês; senti a necessidade, então, de apresentar, aos meus alunos, certificações. Para tanto, prestei os exames de proficiência TOEFL (em agosto de 1998) e da Universidade de Michigan (novembro de 1998), tendo sido aprovado em ambos. Aproveitei o embalo e também fiz o *Teacher Training Course* da Associação Alumni de São Paulo, em 1999.

Além das aulas particulares, comecei, também, por indicação, a ministrar aulas em empresas. Para tanto, tive que criar uma nova empresa para esse fim (a InfoLanguage). Só em uma companhia de computação, na região da avenida Angélica, em São Paulo, foram 5 anos. Para complementar a renda, me inscrevi e fui aprovado no processo seletivo da Fundação Fisk, na qual ministrei aulas entre agosto de 1997 e fevereiro de 1999. Além da Fisk, que foi a única escola de línguas que me registrou (o que merece reconhecimento, num mercado um tanto quanto “selvagem” e desregulado), atuei também como professor de *Business English* em outras escolas (em uma delas delas, a UP, até consegui um diploma de professor especializado (*Foundation Certificate for Teachers of Business English*) emitido pela LCCI – *London Chamber of Commerce and Industry*, em fevereiro de 2000). Fui equilibrando essas aulas (inclusive com o, então, *English on Campus*, na USP) e outras atividades de magistério (como o desenvolvimento de avaliações em língua inglesa para o IPT/USP) com a minha segunda graduação (Alemão/Português), sequencialmente com a minha especialização (Tradução) e

com o meu mestrado (Linguística). Ao final, totalizei um período de 10 anos como professor particular, de empresas e de escolas de línguas.

### *3.1.2 Professor universitário nas particulares*

Dois colegas (e amigos até hoje, professores da UFAL) do curso de especialização em Tradução já eram professores universitários numa universidade particular em Santo André, SP (UniABC). Como estavam de saída para trabalhar em outra universidade particular (Metodista, em São Bernardo do Campo, SP), perguntaram se eu tinha interesse em aulas universitárias; não pensei duas vezes: aceitei na hora. Eles indicaram meu nome e comecei minha carreira de professor universitário (fevereiro/2001) ainda cursando o mestrado.

#### *3.1.2.1 UniABC*

Na UniABC (Universidade do Grande ABC), primeiramente, fui professor do curso de Tradução, ministrando umas poucas aulas semanais (disciplinas: Técnicas de Tradução com Apoio da Informática; Ética e Legislação da Tradução; Prática de Tradução). Na sequência, a coordenadora do curso foi me oferecendo mais disciplinas, no curso de Letras (várias de Língua Inglesa; Diversidades Linguísticas da Língua Inglesa; várias de Linguística; Produção Textual) e em outros cursos (Língua Inglesa, em Publicidade e Propaganda e Turismo); com tantas disciplinas, comecei um processo de desapego das aulas particulares para me concentrar nas aulas universitárias. Na UniABC foram dois anos de magistério (entre 2001 e 2002), iniciando minha carreira como professor universitário; nessa época, também, começo a usar cavanhaque, que me acompanha até hoje.

### 3.1.2.2 UNIBAN

Havia acabado de entrar na UniABC quando uma colega de lá, que estava de saída de outra universidade, me perguntou se eu me interessaria por aulas naquela universidade. Com meu sinal positivo, ela me indicou para uma entrevista com o coordenador do curso de informática da UNIBAN (Universidade Bandeirante de São Paulo). A entrevista aconteceu numa quarta-feira, abril de 2001, período da tarde; na mesma quarta-feira, período da noite, eu estava em sala de aula, substituindo essa colega.

O período de trabalho na UNIBAN foi concomitante com parte do meu mestrado e todo o meu doutorado. Foram pouco mais de 8 anos de sufoco, entre inúmeras aulas e as escritas da minha dissertação e da minha tese (sobre a qual me debruçava na parte da tarde, no intervalo entre as aulas da manhã e da noite). Cheguei a ter, num único semestre, por volta de 600 alunos (com turmas de mais de 90 estudantes)! Nesta universidade, comecei nos cursos de Processamento de Dados e Análise de Sistemas, logo assumindo as aulas de Comunicação e Expressão (Português Técnico) e Inglês Instrumental, no *campus* de São Bernardo do Campo.

No segundo semestre de 2003, a universidade abriu um novo *campus* no bairro de Campo Limpo (São Paulo). Eu, já com a fama de “pau para toda obra” (para o bem e para o mal), fui convidado para dar aulas por lá. A partir deste momento, começo a ministrar aulas em vários cursos (licenciaturas e bacharelados de 3 anos e técnico superior, de 2 anos: Letras, Secretariado, Turismo) e, sequencialmente, em vários outros *campi* (Santana, Vila Mariana, Osasco). Durante oito anos e meio, trabalhei com as seguintes disciplinas, além das já citadas: Literatura Inglesa (I e II), Literatura Brasileira, Língua Inglesa (Língua Inglesa I e II, LI Morfologia e Leitura, LI Sintaxe e Compreensão Oral, LI Semântica e Escrita), Leitura e Produção de Textos, Linguística, Cultura Geral e Atualidade, Técnicas de Redação.

Já em 2003, sob minha supervisão, os professores do *campus* Campo Limpo propuseram à universidade vários cursos de extensão (tendo em vista o perfil dos alunos que frequentavam esse *campus*): Inglês Instrumental para Leitura, Business English, Português Instrumental e um curso regular de inglês. A UNIBAN não encampou a ideia. Em 2004, propus um curso de especialização em Tradução Inglês/Português à universidade que, mais uma vez, não aceitou a ideia. Em 2007 apresentei duas propostas: dois cursos de extensão (Dicionários: entenda-os; Inglês Instrumental), que não foram aceitos. Em 2008, propus um curso de especialização em Língua Inglesa que, desta vez, finalmente, a universidade aceitou (como podemos ver na figura 3).

Figura 3 – Curso de Especialização na UNIBAN.

**Lato Sensu Modular**  
**UNIBAN BRASIL**  
Especialização com Inteligência

**LATO SENSU**  
Educação

**Especialização em Língua Inglesa**

**APRESENTAÇÃO**  
O curso visa a preparação profissional para atuar na área de docência da Língua Inglesa. Ao contrário de outros cursos disponíveis no mercado, a ênfase é dada no maior trabalho do aluno com as dificuldades recorrentes que a maioria apresenta, além de um contato com novas tendências que estão surgindo e que possam lhe garantir um destaque entre os profissionais já atuantes na área.

**PÚBLICO-ALVO**  
Profissionais da educação com razoável conhecimento em Língua Inglesa, bem como profissionais com razoável conhecimento em Língua Inglesa que desejem adentrar ao ramo da educação.

**OBJETIVO**  
Preparar profissionais que tenham um razoável domínio da Língua Inglesa para o mercado de trabalho na área de Educação, possibilitando uma maior empregabilidade em cursos livres, cursos regidos pelo MEC (para aqueles que já possuem licenciatura plena na área), curso superior e atividades complementares inerentes à área.

**HABILIDADES DO PROFISSIONAL A SER FORMADO**  
Competência na preparação de aulas geradas de Língua Inglesa, baseadas em métodos tradicionais ou inovadores. Habilidade na elaboração de material didático em língua estrangeira para diversos públicos e experiência para trabalhar com público não-escolar: alunos particulares, empresários, profissionais em busca de concursos públicos.

**INVESTIMENTO**  
R\$ 320,00\* / mensais e R\$ 250,00\* / mensais (ex-alunos UNIBAN)

Coordenação de curso: Prof. Dr. Guilherme Fromm

**Informações e Matrículas:**  
[www.uniban.br](http://www.uniban.br)  
ligue 33 UNIBAN

Duração: 360 horas  
Horário: Sábados, das 8h às 17h  
Local: Campus Vila Mariana (VM)

(\*) Valores para pagamento até o último dia útil do mês anterior ao vencimento, conforme editais de valores de 2008.

**Educação**

**Especialização em Língua Inglesa**

**MÓDULOS COMUNS**

**UNIDADE 1**  
**Fundamentos Teóricos do Processo de Aprendizagem**  
O presente módulo tem por objetivo mediar a compreensão e valorizar a importância do conhecimento das diferentes teorias de ensino/aprendizagem em uma articulação com os fundamentos e práticas de avaliação, possibilitando ao aluno conhecer e utilizar práticas metodológicas de ensino-aprendizagem numa perspectiva de mudança, tendo em vista a transformação que se opera no aluno através de estratégias de avaliação mais significativas com o contexto e finalidade educacional.

**UNIDADE 2**  
**Estratégias da Prática Docente**  
O presente módulo tem como objetivo favorecer a compreensão e valorizar a profissionalização que se efetiva pela prática docente voltada para a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem, com ênfase nas contribuições da Didática para a ampliação da competência do professor como mediador do processo de construção e reconstrução do conhecimento, da técnica e da cultura, numa sociedade diversificada.

**MÓDULOS ESPECÍFICOS**

**UNIDADE 3**  
**Trabalhando com a gramática e o material didático**  
Como base no ensino de qualquer língua, a gramática continua mostrando sua importância no processo de aprendizagem. Estudar a gramática e, a partir dela, a elaboração do material didático, é essencial para aquele que vai ensinar Língua Inglesa. A partir desse enfoque, trabalha-se, também, com a confecção de materiais didáticos.

**UNIDADE 4**  
**Metodologias de Ensino na Língua Inglesa**  
O profissional da área de educação, com ênfase para aquele que trabalha com o ensino de Língua Inglesa, precisa ter um domínio das várias metodologias existentes. Além dessas metodologias (onde damos um destaque especial às questões das habilidades e do ensino instrumental), o plano de aula também deve ser trabalhado, já que é essencial para o bom andamento das dinâmicas de sala de aula.

**UNIDADE 5**  
**Novas Perspectivas no Ensino de Língua Inglesa**  
O mercado de Língua Inglesa não se estagnou na sala de aula da rede pública ou particular. Por ser extremamente dinâmico, apresenta uma grande variedade de público (como os executivos, com o Inglês para Negócios), tipos diferentes de escolas, aulas particulares e novas tecnologias que podem ser aplicadas ao ensino. O profissional deve estar preparado para os novos desafios e mercados existentes (ou que ainda podem surgir) na área de ensino de Língua Inglesa.

**TCC**  
**SEMINÁRIOS DE APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO**  
Este módulo busca fornecer instrumentos para a elaboração do trabalho de conclusão do curso a partir de subsídios de metodologia científica, de oficinas temáticas e de atividades programadas pertinentes à área de interesse do aluno. Inclui também orientação individual no processo de realização do trabalho a ser apresentado.

Depois de tantas propostas malogradas, não pude usufruir muito da proposta aceita, pois passei em concurso na UFU. Meu tempo de coordenação neste curso de especialização foi de apenas 6 meses. Consegui ser desligado da UNIBAN em junho de 2009.

### 3.1.2.3 UMESP

Um dos colegas da especialização em Tradução, que havia me indicado para a UniABC, entrou em contato comigo e ofereceu uma oportunidade como professor numa especialização em Língua Inglesa na Universidade Metodista de São Paulo (em São Bernardo do Campo). Nesse curso, ministrei as disciplinas Estratégias de Leitura e o Ensino de Língua Inglesa, Questões de Língua Inglesa sob a perspectiva da Lingüística e Processos de leitura sob o ponto de vista instrumental, nas entradas de alunos em 2002 e 2004.

### 3.1.2.4 FTS

Embora eu conseguisse, semestre após semestre, escapar do rodo de demissões da UNIBAN (ou seja, os professores nunca estão despreocupados numa universidade particular), decidi que seria melhor ter o plano B, o plano C...

A Faculdade de Taboão da Serra, localizada na cidade de mesmo nome, na grande São Paulo (e perto do *campus* Campo Limpo, da UNIBAN), abriu o curso de Letras, em 2003, e estava convidando professores para atuar por lá. Como eu já tinha um razoável tempo no Ensino Superior, fui contratado sem problemas. Por lá ministrei as disciplinas: Língua Inglesa I e II e Estágio Supervisionado (numa proposta bem diferente da adotada atualmente).

Um fato importante ligado à FTS foi a oportunidade de publicar na revista da faculdade (Factus); embora o periódico já não exista há muito tempo, meu trabalho acadêmico mais citado, até hoje, foi publicado naquele periódico em 2003. Fiz parte, também, do Conselho Editorial da revista entre 2003 e 2008, ano que foi extinta. Com a oferta de mais disciplinas na UNIBAN, decidi pedir demissão da FTS no final de 2004.

### 3.1.2.5 FIAP

Uma característica interessante da Faculdade de Informática e Administração Paulista, para a qual ministrei aulas no ano 2005, era o não registro dos professores (pelo menos, naquela época), que trabalhavam como cooperados (esta precarização da profissão resultou em inúmeros processos contra a instituição anos depois). Trabalhei apenas com a disciplina de Inglês Instrumental. Mas considero um estágio importante da minha carreira acadêmica, pois lá convivia com professores da área de tecnologia da informação, que me ajudaram, nas mesas da sala dos professores, a melhorar o VoTec.

### 3.1.3 Professor universitário na UFU

Cheguei à conclusão, na época de trabalho nas universidades e escolas particulares, que pesquisar, no Brasil, é uma atividade que quase só pode ser realizada em instituições públicas. Eu já havia prestado um concurso, na UNESP de Assis, quando ainda era doutorando (fui aprovado, mas passei em terceiro lugar). Logo após a defesa do meu doutorado, em janeiro de 2008, comecei a prestar a atenção aos concursos de universidades.

Procurei, no mesmo ano, por concursos na UFAL, UNIFESP (para o qual prestei, mas não passei da prova teórica) e UFU. No começo de 2009, já estava planejando prestar concursos na URFJ e na UFRN quando, efetivamente, vim prestar o concurso na UFU. Como acabei passando e Uberlândia é mais próxima de São Paulo do que Maceió, desisti de prestar na UFAL e acabei nem cogitando as outras federais.

Tomei posse na UFU em julho de 2009 e dei início às minhas atividades no Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) em 3 de agosto do mesmo ano; o segundo semestre letivo deveria começar no início de agosto, mas o Brasil foi atingido pela H1N1 (gripe aviária) e as aulas só começaram ao final do mesmo

mês. Em 16 anos de UFU, trabalhei com 147 turmas (graduação, especialização, pós-graduação).

### 3.1.3.1 Graduação

As primeiras turmas com as quais trabalhei na universidade ainda pertenciam ao currículo antigo, habilitação dupla em inglês e português. Nesse currículo, ministrei: Conversação em Língua Inglesa I, Morfossintaxe de Língua Inglesa I e Redação em Língua Inglesa 2. Em 2010, trabalhei com a disciplina Língua Inglesa - Leitura Instrumental, no curso de Relações Internacionais da UFU, que havia aberto suas portas (via REUNI) há pouco tempo. Fui o primeiro professor do curso de língua inglesa a dar aula por lá.

Diferente da situação que vivia nas particulares, como professor “pau para toda obra”, consegui, na UFU, vivenciar aquilo que eu sempre quis: ministrar disciplinas que se relacionavam com a minha formação de pós-graduação. Essa fase já começou em 2010, quando assumi as disciplinas Língua Inglesa: Estudos em Tradução e Língua Inglesa: Estudos Descritivos e Linguística de *Corpus* 1. Continuei com elas na graduação presencial até 2018, quando implementamos uma nova grade curricular no curso. A partir daí, e até hoje, ministro as disciplinas Estudos Descritivos de Língua Inglesa I: Léxico e Morfologia (pela qual lutei muito para que existisse na grade), Língua Inglesa: Tradução (EaD) e Língua Inglesa: Linguística de *Corpus*.

Quando entrei na UFU, o governo federal estava colocando em prática o programa REUNI, para a inserção de novos cursos nas universidades e institutos federais e a abertura de novas universidades. Além do REUNI, o governo lançou, também, em 2010, o PARFOR (Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), plano pelo qual a UFU entrou no Ensino a Distância via UAB (Universidade Aberta do Brasil). No caso do ILEEL, os cursos de inglês e espanhol ofereceram vagas nessa modalidade já a partir do segundo semestre de

2011. Depois de um treinamento interno no Centro de Educação a Distância (CEaD/UFU), comecei a ofertar disciplinas na modalidade EaD para esse curso. Posteriormente denominado de LID (Língua Inglesa a Distância), totalizamos 3 ofertas via UAB (cuja última turma encerra suas atividades agora, ao fim de 2025). Também desenvolvi os chamados guias das disciplinas que ministrei (que, a partir da segunda entrada, comecei a transformar em livros). No PARFOR/LID ofereci as disciplinas: Língua Inglesa: Leitura Instrumental, Estudos Linguísticos em Língua Inglesa II (Morfologia), Língua Inglesa: Estudos em Tradução e Língua Inglesa: Estudos Descritivos e Linguística de *Corpus* integrada à prática educativa (PIPE VII, depois renomeada para Língua Inglesa: Estudos Descritivos e Linguística de *Corpus*).

#### 3.1.3.1 Extensão

Após abrir, junto com o prof. Dr. Ariel Novodvorski, o Grupo de Pesquisa em Linguística de *Corpus* (GPELC), começamos a oferecer alguns cursos de extensão. Foram seis ofertas do curso “Introdução aos Fundamentos da Linguística de *Corpus*”/ Fundamentos da Linguística de *Corpus* - metodologia de pesquisa na área de Humanas” (que foi sendo renomeado, com o passar do tempo) por nós coordenadas. Esses cursos foram ministrados pelos nossos orientandos de mestrado e doutorado, de forma presencial. Agora, em 2025, com parceria de colegas da UFJ, UEG e UEMS, estou formatando uma versão EaD desse curso, para que atinja mais alunos Brasil afora.

Além do curso de Linguística de *Corpus*, também coordenei os cursos de extensão “Introdução à Computação para Linguistas” e o “Curso de formatação de trabalhos acadêmicos no Word”. Embora o ILEEL seja um ator de peso no cenário de extensão da UFU, através da CECLE (Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras), devo admitir que, dentro das áreas de atuação

universitária (ensino, pesquisa, extensão e administração), a extensão não é o meu forte.

#### 3.1.3.1 *Especialização*

Como já mencionado anteriormente, trabalhei em um curso de especialização da UNIMEP e abri um na UNIBAN.

A profa. Dra. Simone Tiemi Hashiguti conseguiu ofertar um curso na UFU, em 2017, denominado “Ensino de Língua Inglesa, Letramentos e Novas Tecnologias na Educação Básica”. Nele, trabalhei apenas com a disciplina Linguística de *Corpus* e Aprendizagem Direcionada por Dados. Infelizmente, mesmo sendo um curso gratuito e voltado para os professores da rede pública, não fez muito sucesso e só teve uma edição.

De início, pensei que teria outras oportunidades de ministrar aulas em cursos *lato-sensu* na UFU, mas, hoje em dia, analisando o histórico do período que estou na universidade, percebo que a área de línguas estrangeiras, infelizmente, não consegue sustentar cursos de especialização.

#### 3.1.3.1 *Pós-graduação*

Logo que me tornei professor da UFU, já queria entrar na pós-graduação. De início, fui informado que, para tanto, deveria apresentar comprovantes que já havia orientado, pelo menos, dois alunos de graduação. Orientei três alunas na UniABC, mas não tinha comprovante dessas orientações. Por sorte, meu cunhado dava aulas naquela universidade (que nem existe mais) na época e, por meio dele, consegui os TCCs das alunas para que eu pudesse comprovar as orientações.

No segundo semestre de 2011, comecei com a minha primeira disciplina de pós: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, que continuo ministrando até hoje. Me considero bastante sortudo por haver uma disciplina regular no programa (fruto dos trabalhos dos professores Evandro Silva Martins e

Waldenice Moreira Cano, que me antecederam e já haviam se aposentado) que trabalha exatamente com os temas da minha tese.

Nesses 14 anos no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU), criei algumas disciplinas como Tópicos em Estudos Analítico-Descritivos: Linguística de *Corpus*, Tópicos em Estudos Analítico-Descritivos: Terminologia e Terminografia e Tópicos em Estudos Analítico Descritivos: Novas Tecnologias em Análise Lexical; trabalhei com a disciplina obrigatória de Teorias Linguísticas e criei ofertas para completar a carga horária de meus orientandos (quando isso ainda era uma obrigação do programa): Seminário Temático de Pesquisa 1: Léxico, Linguística e *Corpus*, Seminário Temático de Pesquisa 2: Terminografia. Neste período na pós-graduação, acompanhei a elevação da nota do nosso programa de 4 para 5 e, sequencialmente, para 6, o que levou o PPGEL a se tornar um curso de excelência na área de Linguística no Brasil. Fico muito contente por ter feito parte dos professores que conseguiram tornar um curso de uma universidade do interior numa potência em pesquisa.

## 3.2 O pesquisador

Um dos privilégios que temos como professores de universidades públicas (e que, infelizmente, muitos colegas desperdiçam) é a oportunidade de sermos pagos para pesquisar. Comecei com pesquisa ao final da minha segunda graduação (Alemão/Português), quando me interessei pelas possibilidades de tradução via internet, o que gerou o meu primeiro artigo (em 1999). Já são 26 anos me divertindo com minhas pesquisas linguísticas!

### 3.2.1 Grupos de pesquisa

Neste período como pesquisador, em relação aos grupos que já participei, posso dividir o meu papel entre participante de grupo de pesquisa e coordenador de grupo de pesquisa.

No primeiro caso, fiz parte, como doutorando, de um grupo capitaneado pela professora Stella E. O. Tagnin: o Projeto COMET (*Corpus* Multilíngue para Ensino e Tradução), que ainda existe e é um dos principais grupos que trabalham com Linguística de *Corpus* no Brasil. Já com o doutorado, participei como colaborador nos grupos das professoras Gladis Maria de Barcellos Almeida (GETerm - Grupo de Estudos e Pesquisas em Terminologia, já desativado) e Maria José Bocorny Finatto (GELCORP-SUL – Grupo de Estudos em Linguística de *Corpus* do Sul e ATT-UFRGS – Acessibilidade textual e terminológica, linguagem simples e inclusiva, ambos ainda ativos e dos quais faço parte).

Quando entrei no ILEEL/UFU, eu era o segundo pesquisador que já havia trabalhado com Linguística de *Corpus* (o primeiro foi o prof. Waldenor de Barros Filho que, inclusive, sugeriu a LC como a disciplina de módulo<sup>1</sup> no nosso curso de inglês, mas que, posteriormente, encaminhou seus estudos para outras áreas). Um mês depois do início das aulas, conheci o professor Ariel Novodvorski, do curso de espanhol, que também trabalhava com a LC em seu doutorado (em andamento, na época). Embora, no ILEEL, me informassem que seria interessante abrir um grupo de estudos, já queria começar um projeto mais formal, com registro. Pesquisei e, à revelia da ordem institucionalizada (sem passar pela diretoria e trabalhando diretamente com a pró-reitoria de pós-graduação, por exemplo), conseguimos eu e o professor Ariel abrir o GEPELC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística de *Corpus*), registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do CNPq e que ficou ativo entre 2010 e 2022<sup>2</sup>. Em 12 anos de grupo, dele participou uma grande leva de alunos (graduação, iniciação científica, mestrado e doutorado), o que pavimentou (inclusive com os cursos de extensão) o uso da abordagem e metodologia da LC na UFU. Após a consolidação

---

<sup>1</sup> Uma disciplina de módulo é escolhida entre várias já elencadas num rol e não fazem parte das disciplinas regulares do curso.

<sup>2</sup> Espelho disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/31080>

que o grupo representou, achamos, por bem, continuarmos apenas com os nossos grupos mais associados às nossas pesquisas individuais.

Em 2014, juntamente com a professora Eliana Dias, do curso de português, abri o PLEX (Grupo de Pesquisas em Léxico) e esse continua ativo até hoje, também com registro no DGP/CNPq<sup>3</sup>. Diferente do GPELC, que era um grupo mais voltado para a metodologia de pesquisa em LC, o PLEX já nasceu para trabalhar com as chamadas Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia. Mais para frente, começamos a diversificar os temas com a entrada da Lexicografia Pedagógica (área de estudo da professora Eliana) e da Terminografia Pedagógica (minha área de estudo). Além desses temas basilares, através de diversas orientações, fomos incluindo outras áreas como: Ensino do Léxico, Etnoterminografia, Lexicografia Mono– ou Plurilíngue, Léxico e Desenvolvimento de *Software*, Léxico e Literatura, Léxico e Tecnologias de Ensino, Terminografia Diacrônica, e Terminografia Mono– ou Plurilíngue.

### 3.2.2 Projetos de pesquisa

Ao entrar no curso de graduação do ILEEL, o professor é convidado a apresentar um projeto de pesquisa, com duração máxima de até 5 anos. Meu primeiro projeto de cinco anos (2010-2015) foi denominado Terminologia Bilíngue e *Corpora* de Especialidade: planejamento, compilação e análise de *corpora* bilíngues e criação de dicionários técnicos. A proposta era que a gama de temas fosse ampla para servir como guarda-chuva de projetos individuais de orientandos. Nesse projeto de estreia, meu objetivo foi continuar minhas pesquisas de doutorado e criar um dicionário técnico bilíngue na área de Linguística. Embora esse dicionário (ou vocabulário) nunca tenha sido completado, as pesquisas serviram como lastro para o desenvolvimento de textos meus e de meus orientandos de iniciação científica, mestrado e doutorado.

---

<sup>3</sup> Espelho disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/42968>

No meu segundo projeto de pesquisa (2015-2020), Linguística de *Corpus* e Ciências do Léxico: compilação de *corpora*, descrição linguística e treinamento/desenvolvimento de *software*, começo a dar uma ênfase no meu trabalho como desenvolvedor de *software* (o que será explicado mais adiante, neste memorial). A relação Ciências do Léxico e desenvolvimento de *software* fica cada vez mais clara nas pesquisas que eu e meus orientandos fomos desenvolvendo, resultando em atualizações do VoTec e novos projetos dele derivados como o TermosTeo (<http://teo.votec.ileel.ufu.br/>), de Solange Aparecida Faria Cardoso, que trabalha com terminografia monolíngue de um mesmo verbete, mas com definições diferentes, e o VoBLing (<http://vobling.votec.ileel.ufu.br/>), de Márcio Issamu Yamamoto, com um vocabulário bilíngue português/inglês da Linguística. Além das derivações do VoTec, o orientando Lucas Maciel Peixoto desenvolveu o CELV (<https://www.ileel.ufu.br/celv>), que apresenta uma confluência da LC e YouTube para o ensino de língua inglesa.

Essa ênfase na área de desenvolvimento continua com o meu terceiro projeto, Léxico, Linguística de *Corpus* e análise/treinamento/desenvolvimento de *software*: convergências (2020-2025), que agora se encerra, junto com a apresentação deste memorial. Muitos alunos se tornam meus orientandos de doutorado porque sabem que, ao final da tese, podem desenvolver um *software* que vai se tornar o seu cartão de visita profissional no futuro. Neste período, além de projetos (alguns ainda em desenvolvimento) derivados do VoTec, como o VTCL - Vocabulário Terminológico de Conceitos de Língua (<http://vtcl.votec.ileel.ufu.br/>), de Joel Victor Reis Lisboa, alguns apresentam temas inéditos que envolvem a LC, como o CoTex – Conte Comigo para Coesão Textual (<https://www.ileel.ufu.br/cotex>), de Daniela Faria Grama e o ToGatherUp - *Corpus Compilation Tool* (<https://www.ileel.ufu.br/togatherup>), de Fernando Paulino de Oliveira.

A expansão da Inteligência Artificial em todos os campos de conhecimento, especialmente o Linguístico e o Computacional, seria um tema natural para meu quarto projeto de pesquisa (2025-2030), que daria prosseguimento aos meus estudos sobre a relação língua/computação. Acredito, no entanto, que meus orientandos, no desenvolvimento de seus *software*, podem trabalhar nesta interface. Devo direcionar meus esforços, a partir de agora, para algo que também já trabalho desde o meu doutorado, que é a pesquisa sobre a taxonomia da Linguística. Num trabalho conjunto com Márcio Issamu Yamamoto, já identificamos 47 subáreas da Linguística (todas com *corpora* já compilados).

### 3.2.3 *Apresentações de trabalhos*

Apresentar trabalhos relacionados às nossas pesquisas, fui ensinado, é a porta de entrada para que nos destaquemos no mundo acadêmico. Sempre levei o ensinamento muito a sério. De 1998 até hoje, são 88 apresentações (comunicações, simpósios, conferências, mesas-redondas e palestras) e contando. Embora o ritmo tenha diminuído um pouco (mesmo porque vamos nos tornando mais seletivos), tento participar, ao menos, de dois eventos por ano.

### 3.2.4 *Pareceres e outros trabalhos técnicos*

Um dos inúmeros trabalhos invisíveis dos professores universitários são os trabalhos técnicos (que, infelizmente, para a CAPES, são só números a serem contabilizados nas avaliações dos programas), movendo a ciência brasileira a partir dos bastidores. Além do meu trabalho mais extenso de editoração de livros e periódicos (que relato mais adiante), entram em minha produção técnica a redação de projetos pedagógicos, a organização de eventos e congressos (15) e muitos, muitos pareceres.

### 3.2.5 Entrevistas

Concedi oito entrevistas a meios de comunicação, especialmente no período que fui diretor da Editora da UFU. Mais recentemente, concedi uma entrevista, sobre periódico científico e editoração predatória, ao podcast Ciência ao Pé do Ouvido (DIRCO/UFU).

### 3.2.6 Bancas

Ao contrário de muitos colegas que reclamam, eu adoro participar de bancas. Não nego que o tempo empreendido é muito alto, mas também muito bem aproveitado: como pesquisador, acho que é um dos momentos que mais aprendemos, pois, na nossa leitura atenta e com vários comentários que escrevemos para os candidatos, enriquecemos os nossos próprios trabalhos de pesquisa.

Desde a defesa de meu doutorado, já participei, como titular, de 12 bancas de trabalhos de conclusão de curso de graduação, 4 de especialização, 41 qualificações de mestrado e 30 de doutorado, 43 bancas de mestrado e 21 bancas de doutorado, totalizando 151 bancas. Além dessas bancas acadêmicas, também participei de 3 bancas de concurso público, bancas de processo seletivo para contratação de substitutos, bancas de correções de vestibulares (tanto nas universidades privadas quanto na UFU).

### 3.2.7 Organizações científicas

Vejo muito, em outdoors em Uberlândia, que o profissional X (como um médico ou um dentista) é membro de uma determinada organização científica – e me lembro que, basicamente, basta pagar as anuidades para o ser. Meu histórico com as organizações científicas na área de Linguística/Letras se resume a 3: o GEL, a Abralín e a ANPOLL.

Ao iniciar meu mestrado, ficou muito claro (e foi cobrado, obviamente, pela USP) que eu deveria participar de congressos para divulgar meus trabalhos de pesquisa; até então, participava apenas de pequenos encontros na própria USP (como o Mini-ENANPOL), nas instituições em que eu ministrava aula, naquelas onde eu era convidado para expor algo ou em congressos na cidade de São Paulo (como o INPLA, da PUC/SP). Por uma questão geográfica e de oportunidade mesmo, o primeiro trabalho que apresentei em um grande congresso foi na edição 53 do Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) em São Carlos/SP (2005). Depois de várias participações em outras edições dos seminários do GEL, decidi me tornar sócio do grupo.

Em 2014, verifiquei que a ABRALIN estava patrocinando um congresso em Belém. Arregimentei meus alunos de pós-graduação e para lá fomos participar do IX congresso internacional da ABRALIN. Desde então, sou sócio desta associação nacional que representa todos nós, linguistas. Tendo já sido anunciado o XIV congresso, em 2026, estou articulando com alguns colegas para ver se montamos um simpósio temático para o evento.

Nos últimos anos, no entanto, estou participando menos de congressos macro e me dedicando mais a congressos de porte médio ou pequenos, mas especializados. Percebi, em 2014, que havia um congresso de uma associação específica dos professores da pós-graduação (ANPOLL - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Minha primeira participação foi no 29º encontro da ANPOLL, em Florianópolis. Foi nesse encontro que percebi que congressos mais específicos podem render mais para nós, pesquisadores. A partir daí, participei de quase todos os encontros bianuais (tantos os gerais, quanto os do meu GT). Foi no Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (GTLex) da ANPOLL (fundado em 1986 pela saudosa professora Maria Aparecida Barbosa) que encontrei os colegas que trabalham com os mesmos temas (ou próximos) que eu e é, a partir das pesquisas desse grupo que eu mais faço reflexões críticas nas minhas áreas de pesquisa hoje

em dia. Participar desse GT (e levar os alunos a participarem, nos encontros intermediários) é muito importante na minha carreira de pesquisador.

### 3.3 O autor

Desde que fui convidado pela professora Masa Nomura (alemão/USP, já aposentada) a colocar no papel (em forma de artigo) uma série de falas que eu proferia sobre a relação entre Tradução e Internet, em 1998, comecei meu trabalho como autor.

Ao invés de apenas enumerar meus artigos em periódicos e capítulos de livros, vou agrupar a minha produção qualificada de acordo com os temas que fui trabalhando nesses 26 anos: Tradução, Linguística de *Corpus*, Ensino de Língua Inglesa, Léxico, Desenvolvimento de *software* e Taxonomia da Linguística.

Nas subseções abaixo, as produções sem autoria são apenas minhas; nas demais, indiquei todos os autores; quando disponível, apresento o link para a produção (não incluí, nos quadros: uma tradução, uma entrevista com uma linguista, um prefácio de livro e quatro livros organizados). A ordem dessas subseções obedece a uma lógica dos interesses que foram perpassando minha vida acadêmica nos últimos vinte e seis anos.

#### 3.3.1 Tradução

Recém-saído de uma especialização em Tradução e atuando também como tradutor, o assunto ocupava muito tempo de reflexão à época. É pela relação entre tradução e tecnologia (a Internet, no caso) que comecei a publicar em espaços científicos. Meus artigos que tratam do assunto são apresentados abaixo, no quadro 1. Embora até hoje, eu, por vias diretas ou indiretas, continue trabalhando com Tradução, não é a área para a qual mais dediquei meus esforços como autor.

Quadro 1 – Produção na área de Tradução.

| Formato                | Referência                                                                                                                                                                                                                          |
|------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <a href="#">Artigo</a> | Traduzindo através da Internet. <b>Projekt</b> (Curitiba), São Paulo, v. 1, n.34, p. 28-29, 1999.                                                                                                                                   |
| <a href="#">Artigo</a> | Ferramentas de auxílio e Terminologia: algumas considerações para aprendizes de tradução e seus cursos. <b>Linguística</b> (Rio de Janeiro), v. 5, p. 9-20, 2009.                                                                   |
| <a href="#">Artigo</a> | Quem é o aprendiz de tradução? <b>Tradterm</b> , v. 16, p. 119, 2010.                                                                                                                                                               |
| Capítulo de livro      | FROMM, G.; SILVA, F. S. Neologismos e modalidades de tradução em um <i>Corpus</i> de ficção-científica. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. (org.). <b>Corpora na Tradução</b> . 1ed. São Paulo: Hub Editorial, 2015, v. 1. p. 131-147. |
| <a href="#">Livro</a>  | <b>Língua Inglesa: Estudos em Tradução</b> . 2. ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2020. v. 1. 78p                                                                                                                 |

Desde a época que comecei a traduzir, acompanho o desenrolar do desenvolvimento de dicionários eletrônicos, tradutores automáticos e memórias de tradução, observando como a tecnologia, em primeiro lugar, serviu como auxiliar do trabalho tradutório e, posteriormente, como substituta do profissional tradutor em vários contextos. Com o advento da Inteligência Artificial, quase tudo o que era elaborado por tradutores, no passado, agora é feito de forma automatizada. Estou repensando, inclusive, se vale a pena termos uma disciplina de Tradução no curso de inglês. Talvez tradutor seja uma profissão que se perca no futuro...

### 3.3.2 Ensino de língua inglesa

O quadro 2 apresenta um panorama da minha produção na área de ensino de língua inglesa.

Quadro 2 – Produção na área de Língua Inglesa.

| Formato                           | Referência                                                                                                                                                                       |
|-----------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <a href="#">Capítulo de livro</a> | Trabalhando com o Inglês Instrumental para leitura. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). <b>Domínios de Linguagem: práticas pedagógicas</b> . 1ed. São Paulo: 2002, v. 1. p. 23-32. |

|                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <a href="#">Capítulo de livro</a> | Discutindo e trabalhando a literatura. <i>In</i> : FROMM, G.; LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). <b>Domínios de Linguagem II</b> : literatura em perspectiva. 1ed.São Paulo: s/e, 2003, v. 1. p. 9-16.                                                               |
| <a href="#">Capítulo de livro</a> | Literatura estrangeira no curso de Letras: uma experiência. <i>In</i> : LIMA-HERNANDES, M. C.; FROMM, G. (org.). <b>Domínios de Linguagem 5</b> : diálogo entre a universidade, a escola e a sociedade. 1ed.São Paulo: Editora Plêiade, 2005, v. 5. p. 155-160. |
| <a href="#">Livro</a>             | <b>Estudos Linguísticos em Língua Inglesa II</b> . 1. ed. Uberlândia: CEaD/UFU, 2019. v. 1. 82p .                                                                                                                                                               |
| <a href="#">Livro</a>             | <b>Língua Inglesa: Leitura Instrumental</b> . 2. ed. Uberlândia: CEaD UFU, 2022. v. 1. 113p .                                                                                                                                                                   |

Em relação ao ensino, já se vão 33 anos seguidos de trabalho com a língua inglesa. Durante muito tempo, fui me especializando no ensino instrumental da língua para alunos com necessidades muito específicas no mercado de trabalho; essa relação rendeu algumas reflexões, assim como as aulas de literatura de língua inglesa que trabalhei nas universidades particulares. Na UFU, disciplinas que ministrei renderam 2 guias para o PARFOR/LID (posteriormente convertidas em livros). Toda a produção na área, portanto, está ligada muito mais à minha prática como professor que reflexões aprofundadas sobre a língua em si.

### 3.3.3 *Linguística de Corpus*

A Linguística de *Corpus* (LC) entrou na minha vida acadêmica quando cursei a disciplina Introdução à Linguística de *Corpus*, da profa. Stella E. O. Tagnin, durante o mestrado (em 2000). Embora eu costume brincar com colegas e alunos, até hoje, que estudamos “Ciências ocultas e Letras apagadas”, foi justamente através da metodologia da Linguística de *Corpus* que me senti mais com o pé no chão ao estudar línguas. Também costumo brincar que, muitas vezes, somos reféns das correntes de pensamento mais populares de cada época; na minha época de graduação, as teorias gerativas eram a moda. Interessante notar que Chomsky prevê dois lados de uma mesma moeda ao analisar os fenômenos linguísticos: a competência e o desempenho; contudo, o autor

dedicou toda sua produção ao primeiro. Eu achava de uma complicação sem fim todas aqueles tipos de análise em diagramas arbóreos e os níveis de abstração aos quais tínhamos que chegar.

Eis que a LC, com o advento dos computadores pessoais, começa a se espalhar e mostra que também é possível analisar línguas através do desempenho dos falantes das mesmas. Através da LC, analisamos uma língua **como ela é produzida**, e não **como ela pode ser**.

Outro fato engraçado é que, quando comecei a trabalhar com a LC, me considerava inimigo jurado dos gerativistas. Hoje percebo que a moeda é uma só: é nas teorias gerativas que a Linguística Computacional se fundamentou no desenvolvimento de *software*, base de toda a Linguística de *Corpus*, para que pudéssemos trabalhar, em larga escala, com os fenômenos linguísticos produzidos pelos falantes.

Essa mesma moeda ainda forneceu terreno para uma nova disrupção tecnológica na nossa vida, que é a Inteligência Artificial (IA). Quando colegas, num congresso recente da ANPOLL, reclamavam que empresas ganhavam muito dinheiro com modelos de IA, que se baseiam em *corpora* gigantescos e que esta nova fronteira poderia acabar com várias profissões (o que realmente deve acontecer), lembrei aos presentes que nós, linguistas, ao estudarmos metodologias de extração de *corpora*, e ao produzirmos *corpora* em larga escala e deixá-los disponíveis na Internet, também somos os responsáveis pelo avanço da IA.

Quadro 3 – Produção relacionada à Linguística de *Corpus*.

| Formato                | Referência                                                                                                                                  |
|------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <a href="#">Artigo</a> | O uso de corpora na análise lingüística. <b>Revista Factus</b> , São Paulo, v. 1, n.1, p. 69-76, 2003.                                      |
| <a href="#">Artigo</a> | Lingüística computacional: uma intersecção de áreas. <b>Revista Factus</b> , Taboão da Serra, v. 1, n.5, p. 135-140, 2006.                  |
| <a href="#">Artigo</a> | A construção e análise de corpora para alimentação de um banco de dados terminográfico. <b>Domínios de Lingu@gem</b> , v. 2, p. 1-22, 2011. |

|                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <a href="#">Artigo</a>  | Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras. <b>Domínios de Lingu@gem</b> , v. 4, p. 195-198, 2011.                                                                                                                                                                                   |
| <a href="#">Resenha</a> | Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras. <b>Domínios de Lingu@gem</b> , v. 4, p. 195-198, 2011.                                                                                                                                                                                   |
| <a href="#">Artigo</a>  | TAGNIN, S. E. O.; FROMM, G. CoMAprend: a experiência da construção de um <i>Corpus</i> de aprendizes para estudos. <b>Domínios de Lingu@gem</b> , v. 2, p. 1-17, 2011.                                                                                                              |
| <a href="#">Artigo</a>  | FROMM, G.; SILVA, F. S. Alice no País dos Neologismos: um estudo à luz da Linguística de <i>Corpus</i> . <b>Scientia Traductionis</b> , v. 6, p. 293-309, 2012.                                                                                                                     |
| <a href="#">Anais</a>   | CARNEIRO, R. M. O.; FROMM, G. Harry Potter e o Wordsmith Tools: o que as listas de palavras, palavras-chave e concordâncias revelam. <i>In</i> : III SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2013, Catalão. <b>Anais do III SINAEL</b> . Catalão: UFG, 2013. v. 1. p. 1085-1096. |
| <a href="#">Resenha</a> | FROMM, G.; BATISTA, H. R. Resenha - <i>Corpus Linguistics</i> , de Tony Mcenery e Andrew Hardy. <b>Revista Linguística</b> , v. 11, p. 277-279, 2015.                                                                                                                               |
| <a href="#">Artigo</a>  | NOVODVORSKI, A.; FROMM, G. Triangulando <i>Corpus</i> , tecnologia e cultura: ELC e EBRALC na UFU. <b>Revista de Estudos da Linguagem</b> , v. 23, p. 589, 2015.                                                                                                                    |
| <a href="#">Artigo</a>  | FROMM, G.; GRAMA, D. F. ; SANTOS, C. G. ; BEILKE, N. S. V. Wordsmith Tools e Sketch Engine: um estudo analítico-comparativo para pesquisas científicas com uso de corpora. <b>Revista de Estudos da Linguagem</b> , v. 28, p. 1191-1248, 2020.                                      |
| <a href="#">Livro</a>   | <b>Estudos descritivos e linguística de <i>Corpus</i> integrada à prática educativa</b> (PIPE 7). 2. ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2021. v. 1. 80p .                                                                                                          |
| <a href="#">Artigo</a>  | TAGNIN, S. E. O.; FINATTO, M. J. B.; FROMM, G. Linguística de <i>Corpus</i> : conquistas e desafios. <b>Revista de Estudos da Linguagem</b> , v. 29, p. 661-671, 2021                                                                                                               |
| <a href="#">Artigo</a>  | FROMM, G.; YAMAMOTO, M. I. Compilação, reciclagem e padronização de um <i>Corpus</i> Colaborativo de Linguística: percursos metodológicos. <b>Revista de Estudos da Linguagem</b> , v. 29, p. 2041-2078, 2021.                                                                      |
| <a href="#">Artigo</a>  | LISBOA, J. V. R.; FROMM, G. How to introduce students to linguistic research using Voyant Tools. <b>Trabalhos em Linguística Aplicada</b> , V. 63, p. 545-563, 2024.                                                                                                                |

Interessante notar, no quadro 3, que meu primeiro artigo sobre *Corpus*, publicado em uma revista impressa (mas que deixei disponível em repositórios)

é o meu texto mais citado até hoje, superando até minha tese. Desde esse primeiro artigo seminal na área, já se vão 22 anos de reflexões de como a abordagem (computacional) e a metodologia da LC podem ser ferramentas poderosas para os estudos teóricos e aplicados na área de línguas.

### 3.3.4 *Léxico*

Quando comecei a estudar alemão, ainda adolescente, apontei, para um dos donos da escola de língua (Teuto), alguns erros que identificava no dicionário alemão/português da Langenscheidt; ele, que também era professor da PUC/SP, brincou comigo que eu deveria estudar Letras e, depois, corrigir o dicionário. Um pouco profética a anedota.

Como já descrito, comecei a minha pós-graduação pelos estudos em tradução; na especialização, lá pelos idos de 1998, travei contato, através das disciplinas do prof. Francis Aubert (Terminologia Comparada) e da profa. Stella Tagnin (Prática de Tradução III: a tradução de textos técnicos), com a área de Terminologia, pela qual sempre fui fascinado (afinal, um fã de *Star Trek* respira terminologias mil).

Já no mestrado, em 2002, quis cursar as disciplinas das professoras Maria Aparecida Barbosa e Ieda Maria Alves, ligadas aos estudos lexicais; fui tomando gosto pela brincadeira de corrigir o dicionário. Começando as escritas na área pela minha dissertação, em consonância com a metodologia da Linguística de *Corpus*, também já são 22 anos de estudos e produções ligados ao léxico.

As relações entre tecnologia (como a área de informática) e Terminologia foram descritas nos meus primeiros textos da área. Com o passar do tempo, a área de Linguística também foi aparecendo como ciência a ter seus termos descritos e a ênfase lexical foi transitando da Terminologia para a Terminografia, mais especificamente, a bilíngue.

Em trabalhos com alunos em sala de aula, para não desperdiçar *corpora* em cada disciplina, comecei a ver a utilidade da teoria da Etnoterminologia, da profa. Maria Aparecida Barbosa, no manuseio de legendas bilíngues de seriados televisivos. Depois de alguns anos trabalhando com essas legendas, em contrapartida com a Lexicografia Pedagógica (que trabalha, basicamente, o produto), propus a Terminografia Pedagógica, através da qual os alunos processam textos, através da metodologia da LC, e produzem seus próprios vocabulários de especialidade.

Quadro 4 – Produção relacionada aos Estudos do Léxico.

| Formato                           | Referência                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <a href="#">Dissertação</a>       | <b>Proposta para um modelo de glossário de informática para tradutores.</b> 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.                                                                                                                                                          |
| <a href="#">Capítulo de livro</a> | Dicionários em sala de aula: como aproveitá-los bem. <i>In</i> : FROMM, G.; LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). <b>Domínios de Linguagem III: Práticas Pedagógicas</b> 2. 1ed. São Paulo: s/e, 2003, v. 1. p. 41-50.                                                                                                  |
| <a href="#">Artigo</a>            | A construção do sentido em vocabulários técnicos: o uso de corpora e outros procedimentos. <b>Crop</b> (FFLCH/USP), São Paulo, v. 10, p. 225-239, 2004.                                                                                                                                                         |
| <a href="#">Artigo</a>            | Obras lexicográficas e terminológicas: definições. <b>Revista Factus</b> , Taboão da Serra, v. 1, n.2, p. 139-147, 2004.                                                                                                                                                                                        |
| <a href="#">Artigo</a>            | Proposta para a construção da microestrutura de um verbete terminológico para tradutores. <b>TradTerm</b> , v. 15, p. 133, 2009.                                                                                                                                                                                |
| <a href="#">Artigo</a>            | Ensino de terminologia: trabalhando com site e banco de dados. <b>Debate Terminológico</b> , v. 6, p. 2-22, 2010.                                                                                                                                                                                               |
| <a href="#">Artigo</a>            | Linguística de <i>Corpus</i> e ensino de terminografia para alunos de letras e tradução: uma proposta. <b>Revista do Sell</b> , v. 3, p. 285-302, 2011.                                                                                                                                                         |
| <a href="#">Anais</a>             | Ficção, Tradução, Terminografia e Linguística de <i>Corpus</i> : confluências. <i>In</i> : XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e III Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2011, Uberlândia. <b>Anais do SILEL</b> . Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Uberlândia: EDUFU, 2011. |
| <a href="#">Artigo</a>            | SILVA, F. S. ; FROMM, G. Através do léxico maravilhoso de Alice. <b>Revista Fronteira Digital</b> , v. 1, p. 16-27, 2011.                                                                                                                                                                                       |

|                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Capítulo de livro                 | Terminografia, Sociolinguística, Linguística de <i>Corpus</i> , Tradução, Tecnologia da Informação: convergências. In: MOLLICA, M. C.; GONZALES, M. (org.). <b>Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis</b> . 1ed.Curitiba: Appris, 2012, v. 1. p. 141-158.                             |
| <a href="#">Artigo</a>            | FROMM, G.; BANG, M. Terminologia em série: House M. D. <b>EntreLetras</b> (Online), v. 4, p. 114-133, 2013.                                                                                                                                                                                            |
| Capítulo de livro                 | FROMM, G.; YAMAMOTO, M. I. Terminologia, Terminografia, Tradução e Linguística de <i>Corpus</i> : a criação de um vocabulário bilíngue sobre Linguística. In: TAGNIN, S. E. O.; BEVILACQUA, C. (org.). <b>Corpora na Terminologia</b> . 1ed.São Paulo: HUB Editorial, 2013, v. 1. p. 129-152.          |
| Capítulo de livro                 | Elaboração de um verbete bilíngue na área de Aquisição da Linguagem. In: GONÇALVES, A. V.; SILVA, W. R.; GÓIS, M. L. de S. (org.). <b>Viabilizar a Linguística Aplicada: abordagens teóricas e metodológicas</b> . 1ed.Campinas: Pontes Editores, 2014, v. 1. p. 357-379.                              |
| <a href="#">Resenha</a>           | CARNEIRO, R. M. O.; FROMM, G. ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (org.). <b>As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia</b> . v. VII. Campo Grande: UFMS, 2014. 525p.. Fórum Linguístico, v. 12, p. 983-985, 2015.                                                                |
| Capítulo de livro                 | Vocabulário de linguística: treinamento em terminografia bilíngue, uso de corpora e ambiente de gestão terminológica. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (org.). <b>As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia</b> . 1ed.Campo Grande: Editora UFMS, 2018, v. 8. p. 309-328. |
| <a href="#">Resenha</a>           | CARNEIRO, R. M. O.; FROMM, G. Implicações linguísticas e textuais para os estudos terminológicos: por uma terminologia textual. <b>Acta Scientiarum</b> (UEM), v. 40, p. 34823, 2018.                                                                                                                  |
| <a href="#">Artigo</a>            | CARNEIRO, R. M. O.; FROMM, G. Para uma caracterização do universo de discurso literário de fantasia. <b>ACTA SEMIÓTICA ET LINGVISTICA</b> , v. 24, p. 54-68, 2019.                                                                                                                                     |
| <a href="#">Artigo</a>            | Por uma Terminografia Pedagógica. <b>Estudos Linguísticos</b> , v. 49, p. 761-776, 2020.                                                                                                                                                                                                               |
| <a href="#">Artigo</a>            | FROMM, G.; Y., M. I. A microestrutura em verbetes da área da Linguística. <b>Revista de Estudos da Linguagem</b> , v. 28, p. 205-234, 2020.                                                                                                                                                            |
| <a href="#">Artigo</a>            | FROMM, G.; SANTOS, C. G. Descrição do léxico por meio de nomes de operações policiais a partir de um <i>Corpus</i> de notícias. <b>Revista do Sell</b> , v. 10, p. 56-75, 2021.                                                                                                                        |
| <a href="#">Capítulo de livro</a> | MetaLex: por uma metaferramenta lexical. In: ISQUERDO, A. N.; MARQUES E. A. (org.). <b>As ciências do léxico: lexicologia,</b>                                                                                                                                                                         |

|  |                                                                                  |
|--|----------------------------------------------------------------------------------|
|  | lexicografia, terminologia. 1ed.Campo Grande: Ed. UFMS, 2023, v. 10. p. 399-416. |
|--|----------------------------------------------------------------------------------|

Apesar dos meus questionamentos recentes sobre o porquê de continuarmos a estudar o Léxico, especialmente em relação à produção de material de consulta (dicionários, vocabulários e glossários), ainda me divirto muito com a área.

### 3.3.5 Desenvolvimento de software

A ideia de trabalhar com desenvolvimento de *software* começou na época do doutorado: a professora Stella me convidou para desenvolver um módulo de *software* na página do Projeto Comet, o ComAPrend (*Corpus* de Aprendizizes, infelizmente fora do ar no momento), conforme a figura 4.

Figura 4 – Print de tela do *software* ComAPrend.

**Corpus de Aprendizizes** guifromm

[O que é?](#) [Ajuda](#) [Contato](#)

Meus Dados

Seguem abaixo seus dados, utilize as opções do menu ao lado para gerenciá-los:

**Dados de Guilherme Fromm:**

- Data de nascimento: 12/04/1968
- Sexo: M
- Nacionalidade: Brasileira
- Língua Nativa: português
- Língua Paterna: português
- Língua Materna: português
- Língua praticada em casa: português
- Email: guifromm@uol.com.br
- Faz outro curso de língua: N
- Escolaridade: Pós-Graduação
  - Curso: Letras
  - Semestre atual: 7o. semestre
  - Instituição: USP (USP)
  - Ano de ingresso: 2003
- Data de criação da conta: 30/01/2007 às 08:34:23
- Último login: 18/06/2008 às 19:00:32
- Número de Acessos: 7

[▶ Meus Dados](#)  
[▶ Modificar Dados](#)  
[▶ Alterar Senha](#)  
[▶ Submeter Redação](#)  
[▶ Sair](#)

FFLCH :: Corpus Multilíngüe para Ensino e Tradução (COMET)

Com essa primeira experiência na coordenação do desenvolvimento de um *software*, adquiri bastante conhecimento de gerência na área. Além de dar um novo passo na produção de um vocabulário para qualquer área do conhecimento (na época, os dicionários, vocabulários e glossários eram, em sua maioria, ainda

impressos), eu também queria fornecer um modelo para o qual novos produtos pudessem ser desenvolvidos a qualquer momento; daí nasceu o VoTec.

A inspiração veio através do manuseio dos *software* de Linguística de *Corpus* que eu já manipulava; os mesmos instigaram minha curiosidade de como poderia estender as funcionalidades para o desenvolvimento de produtos lexicais. Minha produção textual, após a tese, estava muito ligada aos produtos terminográficos; com as diversas orientações e com o passar do tempo, no entanto, também fui me interessando pelo redesenvolvimento/redesenho da plataforma VoTec. O último artigo, no quadro 5, resume como a plataforma foi sendo retrabalhada por um período de 17 anos e a figura 5 ilustra um projeto desenvolvido pela ex-orientanda Candice Guarato Santos.

Quadro 5 – Produção relacionada ao desenvolvimento de *software*.

| Formato                | Referência                                                                                                                                                                                                                                                  |
|------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <a href="#">Artigo</a> | Ferramentas de análise lexical computadorizadas: uma aplicação prática. <b>Revista Factus</b> , Taboão da Serra, v. 1, n.3, p. 153-164, 2004.                                                                                                               |
| <a href="#">Artigo</a> | Linguística computacional: uma intersecção de áreas. <b>Revista Factus</b> , Taboão da Serra, v. 1, n. 5, p. 135-140, 2006.                                                                                                                                 |
| <a href="#">Tese</a>   | <b>VoTec</b> : a construção de vocabulários eletrônicos para aprendizes de tradução. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. |
| <a href="#">Artigo</a> | VoTec: página de terminologia para tradutores. <b>Estudos Linguísticos</b> (São Paulo. 1978), v. 38, p. 183-199, 2009.                                                                                                                                      |
| <a href="#">Artigo</a> | TAGNIN, S. E. O.; FROMM, G. ComAPrend. <b>Domínios de Lingu@gem</b> , v. 2, p. 1-17, 2011.                                                                                                                                                                  |
| <a href="#">Artigo</a> | YAMAMOTO, M. I.; FROMM, G. Vobling: uma intersecção entre <i>Corpus</i> e uma plataforma multimodal. <b>Alfa: Revista de Linguística</b> , v. 68, p. e18656t, 2024.                                                                                         |
| <a href="#">Artigo</a> | FROMM, G.; LISBOA, J. V. R. VoTec terminographic environment over the years: brief overview. <b>Acta Scientiarum</b> (UEM), v. 45, p. e67669, 2024.                                                                                                         |

Figura 5 – Exemplo de projeto (AngCiV) na plataforma VoTec, versão 2.1.

VoTec - Vocabulário Técnico Online

pt: AngCiV | pt2: AngCiV2 | pt3: AngCiV3 | pt4: Ang

Escolha uma área

Faça uma pesquisa

**PORTUGUÊS**

[Voltar ao resultado da busca](#)

**Aneurisma da Aorta Abdominal.** [AngCiV](#): substantivo.m.s. Aneurisma de Aorta Abdominal; Aneurisma Aórtico Abdominal. (AAA) Dilatação anormal, permanente e focal do diâmetro aórtico abdominal maior que 50% do esperado para esse segmento, localizada entre o diafragma e a bifurcação da aorta, podendo ser sintomático ou assintomático. **Ex:** Aneurisma da aorta abdominal pode ser sintomático (dor abdominal, dor lombar, ou isquemia dos membros inferiores) ou assintomático e ser descoberto acidentalmente. **Sinônimos:** Aneurisma de aorta abdominal; Aneurisma Abdominal. **Hipônimo de:** Aneurisma. **Cópus:** Posição na Ordem de Frequência: (1); Nº de ocorrências do termo: (449). Nº de ocorrências do fraseologismo: (56). **Informações enciclopédicas:** Aneurisma da aorta abdominal (AAA)[1] é uma dilatação anormal na porção abdominal da artéria aorta de tal modo que o diâmetro ultrapassa os 3 cm ou atinge um diâmetro 50% maior do que o normal. Em: *Aneurisma da aorta abdominal* – [Wikipédia](#). **Multimídia:** Vídeo em Aneurisma de Aorta Abdominal | CardioPapers [■](#).

**Como citar:** Candice Guarato Santos. Aneurisma da Aorta Abdominal. In: FROMM, Guilherme. VoTec. Versão 2. Uberlândia: PPGEI/LEEL-UFU, 2024. 1 verbete. Disponível em: <http://votec2.leel.ufu.br?trm=17>. Acessado em: 04 jun. 2025.

**PORTUGUÊS 2**

[Voltar ao resultado da busca](#)

**Aneurisma da Aorta Abdominal.** [AngCiV2](#): substantivo.m.s. Aneurisma de Aorta Abdominal; Aneurisma Aórtico Abdominal. Dilatação igual ou acima de três centímetros da parede da aorta, localizada na região do abdômen. **Ex:** Aneurisma da aorta abdominal é uma dilatação do segmento da aorta superior a 3 centímetros de seu diâmetro. **Hipônimo de:** Aneurisma. **Cópus:** Posição na Ordem de Frequência: (1); Nº de ocorrências do termo: (445). Nº de ocorrências do fraseologismo: (92). **Informações enciclopédicas:** Aneurisma da aorta abdominal (AAA)[1] é uma dilatação anormal na porção abdominal da artéria aorta de tal modo que o diâmetro ultrapassa os 3 cm ou atinge um diâmetro 50% maior do que o normal. Em: *Aneurisma da aorta abdominal* – [Wikipédia](#). **Multimídia:** Vídeo em Aneurisma da Aorta | Quando devo ir ao hospital? [■](#). Vídeo em Aneurisma de Aorta Abdominal - Dr. Vinicius Victorazzi Lain [■](#).

**Como citar:** Candice Guarato Santos. Aneurisma da Aorta Abdominal. In: FROMM, Guilherme. VoTec. Versão 2. Uberlândia: PPGEI/LEEL-UFU, 2024. 1 verbete. Disponível em: <http://votec2.leel.ufu.br?trm=18>. Acessado em: 04 jun. 2025.

**PORTUGUÊS 3**

[Voltar ao resultado da busca](#)

**Aneurisma da Aorta Abdominal.** [AngCiV3](#): substantivo.m.s. Aneurisma de Aorta Abdominal. Dilatação das paredes arteriais como um balão. **Ex:** [...] o aneurisma da aorta abdominal (AAA) [...] O médico angiologista e cirurgião vascular [...] explica que a doença acontece quando a aorta, principal artéria do corpo humano, se dilata na região do abdômen causando o enfraquecimento das paredes arteriais. **Hipônimo de:** Aneurisma. **Cópus:** Posição na Ordem de Frequência: (1); Nº de ocorrências do termo: (187). Nº de ocorrências do fraseologismo: (42). **Informações enciclopédicas:** Aneurisma da aorta abdominal (AAA)[1] é uma dilatação anormal na porção abdominal da artéria aorta de tal modo que o diâmetro ultrapassa os 3 cm ou atinge um diâmetro 50% maior do que o normal. Em: *Aneurisma da aorta abdominal* – [Wikipédia](#). **Multimídia:** Vídeo em Tabagismo é o principal fator de risco para casos de aneurisma da aorta, revela pesquisa [■](#).

**Como citar:** Candice Guarato Santos. Aneurisma da Aorta Abdominal. In: FROMM, Guilherme. VoTec. Versão 2. Uberlândia: PPGEI/LEEL-UFU, 2024. 1 verbete. Disponível em: <http://votec2.leel.ufu.br?trm=14>. Acessado em: 04 jun. 2025.

**PORTUGUÊS 4**

[Voltar ao resultado da busca](#)

**Aneurisma da Aorta Abdominal.** [AngCiV4](#): m.s. Sensação como se fossem negócios na barriga. **Ex:** [...] eu estava sentindo uns negócios na barriga, uma pulsação no abdome, muito ruim! [...] Pesquisei na internet, falaram que era aneurisma [da aorta]. **Hipônimo de:** Aneurisma. **Cópus:** Posição na Ordem de Frequência: (2); Nº de ocorrências do termo: (7). Nº de ocorrências do fraseologismo: (1). **Informações enciclopédicas:** Aneurisma da aorta abdominal (AAA)[1] é uma dilatação anormal na porção abdominal da artéria aorta de tal modo que o diâmetro ultrapassa os 3 cm ou atinge um diâmetro 50% maior do que o normal. Em: *Aneurisma da aorta abdominal* – [Wikipédia](#). **Multimídia:** Vídeo em Falso Auto Diagnóstico "Aneurisma Aorta Abdominal" cuidado com a internet [■](#).

**Como citar:** Candice Guarato Santos. Aneurisma da Aorta Abdominal. In: FROMM, Guilherme. VoTec. Versão 2. Uberlândia: PPGEI/LEEL-UFU, 2024. 1 verbete. Disponível em: <http://votec2.leel.ufu.br?trm=15>. Acessado em: 04 jun. 2025.

Termo elaborado por [Candice Guarato Santos](#)

04/06/2025 08:30 v2.1 © 2025 [Guilherme Fromm](#) - Atualização: [Samuel Victor Silveira de Lima](#) - (VoTec v1.0 - 2007): [ICMC Jr](#)

Como apresentei num evento recente do GTLex/ANPOLL, meu entusiasmo com o desenvolvimento de *software* e estudos terminológicos/terminográficos se arrefeceu desde o surgimento da IA. A questão não é que a Terminologia e Terminografia ou a elaboração de novas ferramentas deixem de ser importantes, mas sim como disrupção da IA faz com que a sociedade em geral tenha acesso aos questionamentos lexicais (ou de qualquer outro tipo). Minha questões inquietantes: ainda precisamos desenvolver estudos lexicográficos ou terminográficos na era da IA? Os consulentes ainda têm paciência para procurar e trabalhar com os nossos produtos? Como o acesso à informação se dará daqui em diante?

### 3.3.6 *Taxonomia da Linguística*

Essas inquietações relacionadas aos estudos lexicais acabaram me relembrando um questionamento que venho me fazendo há vinte anos (já a partir da escrita da minha tese): todo mundo sabe o que é um advogado, o que é um dentista, o que é um engenheiro. Mas será que sabem o que é um linguista? Por que a área de Linguística é tão pouco desenvolvida na Tabela de Áreas de Conhecimento da CAPES? Será que nós, linguistas, saberíamos como dividir a Linguística em subáreas? Como a Linguística de *Corpus* pode ajudar nesta tarefa?

Quadro 6 – Produção relacionada à Taxonomia da Linguística.

| Formato                           | Referência                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-----------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <a href="#">Capítulo de livro</a> | A disciplina Lingüística nos cursos de Letras: algumas considerações. <i>In</i> : Fromm, G.; Lima-Hernandes, M. C. (org.). <b>Domínios de Linguagem IV</b> : subsídios à formação lingüística. 1ed. São Paulo, 2004, v. 1. p. 45-57.                                                                     |
| <a href="#">Anais</a>             | A questão da taxonomia num corpus colaborativo para construção de um vocabulário na área de Linguística. <i>In</i> : XIV SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA e IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 2013, Uberlândia. <b>Anais do SILEL</b> . Uberlândia: EDUFU, 2013. v. 3. p. 1-9. |

Embora tenha tratado o assunto da Linguística como área de conhecimento diretamente em apenas dois textos (um sob o ponto de vista educacional, outro sob o ponto de vista da Terminografia), o assunto perpassa vários outros escritos apresentados nos demais quadros.

Já há anos, na Domínios de Lingu@gem e na Revista GTLex, indico nos metadados dos artigos que todos os textos pertencem à grande área da Linguística, como forma de propagandear essa ciência.

Com todo o *know-how* que adquiri com a metodologia da Linguística de *Corpus* e com a Terminologia e Terminografia, pretendo me dedicar mais à essa área de descrição da ciência Linguística daqui para frente. O meu próximo projeto de pesquisa (a ser apresentado ainda neste ano de 2025) dever seguir por

esse caminho, tendo a ferramenta CORTEC do site Projeto COMET (desenvolvidos pela profa. Stella Tagnin) como modelo. Pretendo que linguistas e entusiastas possam acessar, online, *corpora* de diferentes subáreas da Linguística e, através de ferramentas da LC, pensar como podemos abordar os estudos linguísticos de diferentes formas.

### 3.3.7 Métricas de citação

Com o fim do Qualis Periódicos (a partir de 2025), o que vai contar muito para os autores, daqui para frente, é o fator de impacto. Destaco, aqui, na figura 7, o meu fator no Google Acadêmico no chamado H vida, ou seja, todas as minhas citações em todos os anos que publiquei na minha carreira (infelizmente o programa não consegue retroagir a um período anterior a 2006. Os dados foram retirados do meu perfil no Google Acadêmico (disponível em: <https://scholar.google.com/citations?user=wKxMG0IAAAAJ&hl>) via *software* Publish or Perish.

Figura 6 – Métricas do pesquisador Guilherme Fromm.

Figura 6 – Métricas do pesquisador Guilherme Fromm.

| Google Scholar Profile search |       |                   |      |                                                                                                      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
|-------------------------------|-------|-------------------|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Profile name:                 |       | Find a profile... |      | Guilherme Fromm - Professor de Língua Inglesa, Universidade Federal de Uberlândia                    |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Profile ID:                   |       | wKxMG0IAAAAJ      |      | Terminologia "Terminografia Multilíngue" "Linguística de Corpus" Tradução "Desenvolvimento software" |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Annual citations:             | Year  | 2006              | 2007 | 2008                                                                                                 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 | 2023 | 2024 |
|                               | New   | 3                 | 0    | 1                                                                                                    | 5    | 3    | 5    | 7    | 7    | 7    | 22   | 14   | 13   | 9    | 16   | 27   | 29   | 18   | 17   | 28   |
|                               | Total | 8                 | 8    | 9                                                                                                    | 14   | 17   | 22   | 29   | 36   | 43   | 65   | 79   | 92   | 101  | 117  | 144  | 173  | 191  | 208  | 236  |
| Show profile                  |       |                   |      |                                                                                                      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |

#### Citation metrics [Help](#)

Publication years: 1999-2024  
 Citation years: 26 (1999-2025)  
 Papers: 54  
 Citations: 236  
 Cites/year: 9.08  
 Cites/paper: 4.37  
 Cites/author: 199.08  
 Papers/author: 42.58  
 Authors/paper: 1.46  
 h-index: 8  
 g-index: 13  
 hI,norm: 7  
 hI,annual: 0.27  
 hA-index: 2  
 Papers with ACC >= 1,2,5,10,20:  
 6.2.0.0.0

Nos outros indexadores, que quase não trabalham com revistas brasileiras, minhas citações são bem mais discretas.

Figura 7 – Citações Guilherme Fromm (Lattes).

| Web of Science <span style="float: right;">R</span> |                      |                  |            |
|-----------------------------------------------------|----------------------|------------------|------------|
| Total de trabalhos: 7                               | Total de citações: 3 | Data: 27/05/2025 | Fator H: 1 |
| Fromm, Guilherme; Fromm, G.                         |                      |                  |            |

  

| SCOPUS                                       |                      |                  |
|----------------------------------------------|----------------------|------------------|
| Total de trabalhos: 5                        | Total de citações: 6 | Data: 07/02/2023 |
| Fromm, Guilherme; Fromm, G.; Guilherme Fromm |                      |                  |

### 3.3.8 Nuvem de palavras

A Linguística de *Corpus* é basilar nos meus processos de pesquisa. Aproveito este memorial para sanar uma curiosidade que sempre tive em relação àquilo que produzo: o que se destaca a minha escrita? Selecionei todos os meus textos individuais e produzi uma nuvem de palavras (200), disposta na figura 8, a partir do *software* Voyant Tools.

No começo da minha vida acadêmica, eu acreditava que só poderia escrever sozinho. Esta foi uma realidade por um bom tempo, antes de começar a orientar. Tempos depois, e com uma ajudinha da CAPES (que passou a incentivar a colaboração orientador/orientando nas avaliações dos programas), percebi que seria uma grande vantagem a escrita colaborativa com meus orientandos e com os colegas da academia. Apresento, na figura 9, uma nuvem de palavras (200) dos textos que escrevi com orientandos e outros pesquisadores.

[illegible]

### 3.4 O editor

Desde que entrei para o ensino superior, há 24 anos, uma grande parte da minha vida acadêmica tem sido dedicada ao trabalho de editoração científica. A escrita do memorial me fez voltar na linha do tempo para me lembrar que, na juventude, em excursões escolares, visitara a gráfica da Editora Abril, no curso superior de História fizera pesquisas no jornal O Estado de São Paulo e, como professor particular, já havia ministrado aulas particulares para os donos de uma gráfica, na cidade de São Paulo. Além disso, desde o início da adolescência, eu era um leitor compulsivo de jornais (meu pai assinava a Folha de São Paulo) e revistas (como a Veja e a Super Interessante, que acompanhei desde o primeiro número). Mas a minha epopeia como editor se inicia apenas quando me tornei professor universitário.

#### 3.4.1 *Livros Domínios de Linguagem*

Enquanto lecionava na UNIBAN, conheci a profa. Maria Célia Lima-Hernandes (hoje na USP). Ela havia começado a organizar um livro, o qual denominou Domínios de Linguagem: práticas pedagógicas, e me convidou para contribuir com um capítulo. Aceitei o convite e acabei publicando meu primeiro texto em livro (Trabalhando com o Inglês Instrumental para leitura, 2002). Como o resultado foi bom e a profa. Maria Célia percebeu meu entusiasmo, me convidou para ajudá-la com a confecção do segundo livro da série (Domínios de Linguagem II: literatura em perspectiva, 2003). A partir deste momento, não parei mais com o trabalho de editoração. Já são 22 anos me dedicando a ajudar na divulgação da Linguística brasileira (e um pouco de Literatura, lá no começo). As capas dos livros estão dispostas na figura 10.

Figura 10 – Capas dos livros Domínios de Linguagem.



O trabalho de editoração nos livros da Domínios (totalizando 5, até 2005) requereu todo um aprendizado, já que só usamos os préstimos (parciais) de uma editora (Plêiade) no último número. Quando decidíamos publicar um novo livro, tínhamos que: escolher um título, convidar colegas, receber os originais desses colegas, fazer uma revisão de tudo que recebíamos, cobrar os textos aprovados

(cada um contribuía, financeiramente, com o texto que escrevia), planilhar os custos (momento em que começo a trabalhar com o Excel, da Microsoft), correr atrás de diagramador, gráfica, número de ISBN e ficha catalográfica, distribuir os livros, fazer uma festa de lançamento. Basicamente, éramos uma editora sem ser uma... A experiência com a editoração de livros (4, totalizando 57 capítulos) me deixou, acredito, bastante preparado para o que vinha a seguir.

### 3.4.2 *Revista Domínios de Lingu@gem*

O trabalho com a diagramação de livros foi um grande aprendizado, mas eu e a profa. Maria Célia estávamos cansados de fazer o trabalho de uma editora inteira para com os autores dos capítulos. Ela teve a ideia de começarmos um periódico, com o mesmo nome das séries de livros e em formato *blog*. Para não ficar um nome exatamente igual à série de livros e para acrescentar um “toque computacional”, acrescentamos o símbolo @ e abrimos a revista com o nome Domínios de Lingu@gem (DL), tendo seu primeiro número publicado no primeiro semestre de 2007.

O trabalho numa nova mídia de publicação significa uma nova leva de aprendizados, começando com o mais básico que é a indexação no ISSN, seguido pelo aprendizado no trabalho com o *blog* em si, mídia com a qual não tinha experiência. O terceiro aprendizado foi o funcionamento do processo editorial de um periódico, não totalmente dissociado de um livro, mas com algumas peculiaridades específicas. A DL permaneceu no formato *blog* por 8 números (de 2007 a 2010), até eu iniciar minha jornada na UFU; assim que entrei, fiz um pedido para a revista ser institucionalizada, o que foi prontamente atendido pela diretora do ILEEL à época, a profa. Maria Inês Vasconcelos Felice (ainda em 2009), e pelo então diretor da Editora da UFU (EDUFU), o prof. Humberto Guido, tendo sido aprovada a incorporação da revista à base da UFU em 2010. O endereço atual da revista é: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>

A partir da institucionalização da DL no ILEEL e na EDUFU, a revista entrou no OJS/UFU (na época, denominado seer.ufu, nome que continua no endereço dos periódicos da UFU até hoje). O *Open Journal Systems* (OJS) é um sistema desenvolvido pelo consórcio *Public Knowledge Project* (PKP) e é a base de editoração de quase todos os periódicos brasileiros e a maior base mundial de periódicos de acesso livre. Quando a DL entrou no OJS (ainda na versão 2), em fevereiro de 2011, tive que transferir todos os volumes já publicados (4) e seus respectivos números (8) para essa nova base, o que me custou um mês inteiro de férias para realizar a empreitada; por essa razão, todos os números que vieram do formato *blog* estão com a mesma data de entrada no sistema até hoje. A partir do volume 5, a revista já estava funcionando dentro do processo editorial do OJS versão 2. Hoje, a DL está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU) e ao Portal de Periódicos da UFU. Na figura 11, apresento algumas capas da revista Domínio de Lingu@gem.

Figura 11 – Capas da DL.



Capa experimental, que não chegou a ser usada.

Capa usada entre os volumes 11 e 12.

Capa usada a partir do volume 13, com variações de filiação no rodapé.

Brinco com os colegas que a revista DL *soy yo*, porque, basicamente, do primeiro ao 17º ano, fiz todos os papéis editoriais da revista, o que inclui:

recepção dos artigos, verificação de titulação dos autores, escaneamento do artigo em *software* antiplágio, escolha dos pareceristas, envio dos pedidos de parecer, recebimento dos pareceres, contato com os autores para adequarem seus artigos, envio dos artigos para novas rodadas de parecer, solicitação aos autores que enviem a versão final de seus artigos e, as partes mais trabalhosas, as diagramações dos artigos, as inserções dos dados no OJS e as indexações. Até o fechamento deste memorial, diagramei 974 arquivos na DL.

O trabalho na DL, com o passar dos anos, me possibilitou um aprendizado ímpar não só no processo editorial, mas também na compreensão de como funcionam sistemas de periódicos, indexações, bases de dados, fóruns de editores etc. As discussões que temos nos nossos fóruns (faço parte do fórum dos periódicos da UFU e dos periódicos da ANPOLL) são riquíssimas para o desenvolvimento de todo um ecossistema de divulgação científica no Brasil que depende, basicamente, de órgãos públicos e do trabalho voluntário dos editores.

Descobri, também, que o meu trabalho como pesquisador tem uma faceta não tão óbvia como orientar, ministrar aulas ou escrever artigos: na tentativa de fazer com que o Qualis da DL subisse na escala de avaliação da CAPES, busquei por muitas informações que ninguém me entregou de bandeja, me transformando, na prática, num pesquisador de periódicos. Entre os desafios no trajeto, posso citar: o autoaprendizado no sistema 2 e 3 do OJS (embora tenha feito um curso no IBICT sobre a versão 2 do sistema, só o fiz depois de já ter inserido os 8 números da versão *blog* da revista no sistema); a busca por um primeiro indexador internacional (eu que entrei em contato, em nome da UFU, com a CrossRef, para trazer o DOI para a nossa instituição); as constantes pesquisas para inserir novos *plugins* no sistema OJS, a fim de tornar nossas publicações mais conhecidas; a eterna tentativa de entender como funciona a indexação do Google Scholar, que é a base de classificação dos periódicos nas áreas de Humanas no Brasil; a busca por incentivos de órgãos de fomento (neste caso, com a ajuda da FAPEMIG); a busca por novos indexadores internacionais,

como a Web of Science e a Scopus; a tentativa de inserir a revista na base do SciELO. Um aprendizado sem fim...

### 3.4.3 Revista GTLex

Com a experiência adquirida nas publicações de livros e da DL, quando entrei para o Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (GTLex) da ANPOLL, dei a sugestão (já na minha primeira reunião, em 2014) que o GT abrisse um periódico para dar mais visibilidade à produção de seus membros; embora o grupo já contasse com a publicação de uma série de livros (em papel, na época; eletrônica, hoje), *As Ciências do Léxico*, a ideia de um periódico foi bem recebida. Após a aprovação no GT, já solicitei a criação e a institucionalização da Revista GTLex (<http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/index>) ao ILEEL e à EDUFU. O primeiro volume saiu em 2015, mas no segundo semestre (o que gerou, por nove anos, uma confusão com a numeração da revista, que só foi sanada agora em 2025, em seu décimo volume). A Revista GTLex é uma publicação conjunta entre o GTLex e o ILEEL. Uma capa da revista aparece na figura 12.

Figura 12 – Capa da Revista GTLex.



Embora esteja muito longe da quantidade de artigos que já foram publicados na DL, a GTLex é um marco para as subáreas da Linguística que trabalham com o Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Lexicografia Pedagógica, Terminologia, Terminografia, Terminografia Pedagógica, Fraseologia, Fraseografia, Toponímia, Antroponímia etc. É nessa revista que pesquisadores dessas áreas podem encontrar um instrumento de divulgação voltado para suas necessidades.

Devido ao excesso de trabalho com a DL, solicitei ao GT que indicasse um novo editor chefe para a GTLex. Desde janeiro de 2025, o prof. Renato Rodrigues Pereira (UFMS) atua como editor chefe da revista e eu, como coeditor. Nesses nove anos no comando da revista, editei 160 textos nela.

#### *3.4.4 Revista Letras & Letras*

Assumi, temporariamente, a editoração da revista Letras & Letras (a mais antiga do ILEEL, sendo publicada desde 1985, ou seja, há 40 anos; <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/index>) ao final de 2013. Publiquei 8 números da revista, entre 2014 e 2016, totalizando 157 textos diagramados. Quando me preparava para o meu pós-doutorado, decidi que não continuaria com a editoração desta revista.

Diferente das revistas DL e GTLex, que são da área de Linguística, na L&L travei mais contato com colegas que propunham números temáticos nas diversas subáreas de Literatura. Foi uma experiência interessante, mas que ressaltou meu gosto pelo trabalho com a Linguística.

#### *3.4.5 Coordenação de coleção de livros e-Classe*

Enquanto desempenhando o papel de diretor da Editora da Universidade Federal de Uberlândia (EDUFU, que descrevo mais adiante no memorial), senti que a editora não possuía uma linha voltada para as licenciaturas. A partir da

publicação de dois livros que já estavam no processo editorial (um de metodologia de ensino de música para deficientes visuais e outro de propostas de experiências químicas para escolas sem laboratório), decidi criar uma série na EDUFU, denominada e-Classe, que pudesse trabalhar com essa lacuna de formação de professores. O objetivo era que os livros fossem editados apenas em formato eletrônico e disponibilizados gratuitamente para todos o público-alvo (professores) e demais interessados.

O parâmetro inicial da série propunha várias subséries, que teriam seus livros publicados bianualmente e com a editoria de especialistas nas áreas designadas: Acessibilidade — José Carlos de Oliveira (ILEEL/UFU); Acessibilidade Textual e Terminológica — Maria José Bocorny Finatto (UFRGS); EaD — Simone Tiemi Hashiguti (UNICAMP); Educação Básica — Luciana Soares Muniz (ESEBA/UFU); Ensino Médio — Geandra Cláudia Silva Santos (UECE); Terceira Idade — Carla Tavares (ILEEL/UFU); EJA — Ínia Franco de Novaes (ESEBA/UFU), Leila Floresta (ESEBA/UFU). Na figura 13, apresento as capas dos livros que editei.

Figura 13 – Livros da série e-Classe.





No caso da e-Classe, meu trabalho foi apenas como idealizador e diretor, já que havia uma editora por detrás dos trabalhos técnicos. O meu papel se concentrou mais na proposição de livros junto à editora e na intermediação entre os editores, autores e a EDUFU. A partir de 2025, com o fim das editorações dos últimos livros que propus, entre 2019 e 2023, passei o comando da série e-Classe para o professor José Carlos de Oliveira.

### 3.4.6 A participação em fóruns de editores

Um trabalho derivado das editorações foi o convite para participar de fóruns de editores. O meu primeiro foi dos editores de periódicos da EDUFU (quando as revistas da UFU estavam hospedadas na editora), hoje PPUFU (Portal

de Periódicos da UFU); trimestralmente discutimos os rumos que dos mais de 40 periódicos da UFU estão tomando dentro e fora da instituição.

Também participo do fórum dos editores de periódicos da ANPOLL; nesse fórum, nacional, discutimos os rumos das revistas nas áreas de Linguística e Letras no Brasil. Há uma troca expressiva de experiências, dicas (incluindo acertos e erros) e muitos, muitos desabafos.

### 3.4.7 *Ser editor é...*

Parafraseando uma antiga série de figurinhas, denominada *amar é...*, reflito um pouco sobre o que é ser um editor no Brasil.

Apesar de ser um trabalho apaixonante (do meu ponto de vista, é claro), não é só de flores que vivemos. Brinco, com os colegas editores, que adquiri TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo) de indexação, na tentativa constante de melhorar a visibilidade dos periódicos que já editei. Do ponto de vista prático, são muitas férias, feriados e finais de semana trabalhando na diagramação de capítulos de livros e artigos.

De um modo geral, editoria de livros e periódicos científicos, no Brasil, é uma aventura que poucos conseguem levar por muito tempo, pois o desgaste e o trabalho não remunerado (alguns cursos ou universidades nem consideram toda esta dedicação como horas nos planos de trabalho) acabam afetando a vida de muita gente. Há algum tempo, percebo que isso se refletiu na minha própria produção: sinto que poderia ter escrito muito mais, como autor (pois ideias e projetos não faltam), se não tivesse editado 1.291 textos de colegas (só nos periódicos); nunca um arrependimento, mas uma reflexão.

Além disso, ainda temos os desafios da chamada Ciência Aberta. Parte do que entendemos por abertura na ciência já é praticada há tempos nos nossos periódicos, que é a gratuidade (tanto para publicar quanto para acessar os artigos), a fácil acessibilidade digital aos textos, os pareceres duplo-cegos etc. Mas

há novas tendências, como os pareceres abertos, para as quais não concordo plenamente (costumo brincar que não é mais ciência aberta, é escancarada), já que complicam demais a vida dos editores. Uma saga que continua aberta às discussões.

### 3.5 O orientador

Desde que entrei para a especialização em Tradução, notei o papel dos orientadores nas vidas dos alunos e comecei a me ver naquela posição, com a vontade de compartilhar um pouco o que já havia aprendido. Além da editoração, até hoje o trabalho de orientação é o que me traz grandes desafios e prazeres na universidade.

Os temas que já orientei ou oriento, na UFU, estão totalmente relacionados com a abordagem e a metodologia da Linguística de *Corpus* e fortemente relacionados com os estudos lexicais (embora já tenha orientado outros temas). Meu trabalho ligado às orientações rendeu um total de 43 alunos com trabalhos já finalizados (além de uma supervisão de pós-doutorado) e ainda 7 trabalhos em andamento (e mais uma supervisão), totalizando 50 orientações e 2 supervisões.

#### 3.5.1 Graduação

Antes de entrar na UFU, só havia conseguido orientar 3 alunas de graduação em Letras (Renata Cristina Monsueto Pereira, Tatiana Caldeira e Renata Carvalho) em seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), na UNIABC. Embora tenha trabalhado com centenas de alunos de licenciatura e bacharelado, monografias ou TCCs não faziam parte da grade dos cursos na UNIBAN, FTS ou FIAP.

Ainda no meu primeiro semestre na UFU, em 2009, já entrei com orientação de uma aluna de PIBID na Central de Línguas (CELIN) do ILEEL – embora não tenha registro em papel. Voltei a trabalhar com orientação de TCC

na graduação apenas em 2022, a partir do momento que as licenciaturas da UFU retomam os trabalhos de conclusão nas grades dos cursos. A partir daí, orientei mais dois alunos, um em 2022 (Guilherme Rodrigues Ferreira) e outra em 2023 (Rafaela Campos dos Santos); seus trabalhos renderam um texto (em coautoria, no caso do primeiro) e discussões no GT da Anpoll (no caso da segunda).

### 3.5.2 Iniciação científica (IC)

Sempre houve, na UFU, uma indicação para que tivéssemos alunos de Iniciação Científica, porque era importante para a graduação e a pós-graduação. Mesmo com a adoção de uma metodologia um tanto quanto “exótica” (LC) para os padrões UFU da época, consegui uma primeira orientação em 2010. O trabalho de Mila Bang, sobre termos médicos bilíngues em *House*, seriado que estava em grande destaque na época, abriu um filão de orientações que continua até hoje, além de ter me guiado para uma área que poucos pesquisam no Brasil, que é a terminologia e a terminografia na área ficcional. Todos os resultados dessas orientações de IC (e também de trabalhos de sala de aula na graduação e na pós-graduação), em forma de verbetes, estão disponíveis na plataforma Terminologia em Ficção (<http://ic.votec.ileel.ufu.br>), conforme ilustrado na figura 14.

Figura 14 – Plataforma Terminologia em Ficção.



Após o trabalho inicial da Mila, orientei vários outros alunos que se interessaram pelos termos ficcionais em obras diversas (seriados, livros): Laura Pereira do Lago (2010) trabalhou com a área forense em *CSI*; Flávia Santos da Silva desenvolveu dois trabalhos de IC comigo, um sobre os livros *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho* (em 2010, que gerou um *Corpus* paralelo inglês/português que até hoje roda o mundo) e outro sobre o seriado de ficção científica *Farscape* (2011); Raphael Marco de Oliveira Carneiro também desenvolveu duas IC comigo, uma sobre o seriado *Supernatural* (2011) e outra sobre os livros de *Harry Potter* (2013, que seria a base de seu trabalho de mestrado, também sob minha orientação); Lucas Maciel Peixoto (2014) analisou algumas séries de *Star Trek* (como já citado anteriormente, uma grande paixão minha); Maria Carolina Guilherme de Lima se dedicou ao universo de *Doctor Who* (2015); Samantha Silva Crispim (2015) desenvolveu estudos sobre o seriado forense *Bones* e Diogo Ribeiro Soraggi (2105) trabalhou com dois seriados na área de manipulação genética, *Orphan Black* e *Helix*.

Fugindo um pouco da área de ficção, 3 alunos se dedicaram a outros temas: Ana Clara de Carvalho Santos (2015) trabalhou com a padronização dos *corpora* que eu vinha compilando com alunos (tema que se torna bastante recorrente na minha produção científica, chegando até o meu projeto de pesquisa atual); Samuel Victor Silveira de Lima (2016) refinou uma versão do VoTec para os trabalhos ficcionais (e continua trabalhando no desenvolvimento e atualizações dos meus projetos computacionais, como já citado) e Lucas de Oliveira Alves (2019) se dedicou ao estudo do uso de anglicismos num grupo fechado no Facebook.

Foram 13 orientações de IC num período de 9 anos. Infelizmente, após a nossa última alteração de currículo, quando os TCCs voltaram à baila, os alunos parecem ter perdido o interesse na pesquisa durante o curso (e deixam tudo para o final). Em discussões com os colegas do inglês, noto que não foi só comigo o desinteresse, mas um fenômeno geral. Nem as bolsas (que muitos dos citados na

subseção anterior gozaram) atraem mais os estudantes, o que é uma pena. Quando desenvolvem trabalhos de IC durante o curso, o amadurecimento para um futuro mestrado ou doutorado se dá de uma forma mais orgânica; quando concentram suas pesquisas num TCC, que sempre é corrido (nos dois últimos semestres), parecem se desinteressar por uma continuidade dos estudos acadêmicos – deixando claro, aqui, que é uma impressão minha, não dados de algum estudo.

### 3.5.3 *Mestrado*

Até hoje, foram 12 alunos que orientei no mestrado do PPGEL (mais uma coorientação, na Faculdade de Educação, que não ficou registrada no Lattes, por pura ingenuidade).

Achei que, assim que começasse minhas atividades no PPGEL, eu já conseguiria orientandos, mas tive que esperar algum tempo até alguém se interessar pela minha orientação. Iniciei as duas primeiras orientações em 2013 e elas se concentraram nas áreas de Terminologia e Terminografia (usando a base do VoTec): Danila Alves Carvalho trabalhou com a área de turismo de negócios e eventos (em franca ascensão na cidade de Uberlândia) e Márcio Issamu Yamamoto pesquisou verbetes na área de Linguística Histórica; os resultados práticos de ambas as pesquisas estão disponíveis no site original do VoTec (<http://treino.votec.ileel.ufu.br>). Em 2014, mais quatro orientandos de mestrado começaram suas pesquisas: Lucas Maciel Peixoto foi o primeiro orientando a desenvolver uma ferramenta inédita (o CELV, *Corpus of English Language Videos*, disponível em: <https://www.ileel.ufu.br/celv>); Daniela Faria Grama trabalhou com propostas de definições de elementos de coesão sequenciais no português; Neubiana Silva Veloso Beilke fez uma proposta para a elaboração de *corpora* dialetais, tendo o dialeto alemão pomerano no Brasil como base; Raphael Marco

Oliveira Carneiro criou uma proposta de descrição terminológica de fantasia infantojuvenil, tendo Harry Potter como exemplo de análise.

Uma nova aluna começou o seu mestrado em 2017: Candice Guarato Santos trabalhou com a questão da criatividade nas denominações de operações policiais a partir de notícias de jornais. Em 2019, foram 3 novos orientandos: Joel Victor Reis Lisboa propôs uma harmonização designativa de áreas e subáreas de português língua não materna; Marden Aleandro Rangel analisou, linguisticamente, os romances de Paulo Coelho; Fernando Paulino Oliveira propôs as bases de uma plataforma de gerenciamento de *corpora*, o ToGatherUp.

Posteriormente, as entradas para o mestrado acadêmico foram ficando mais esparsas: Lucas Amâncio Mateus desenvolveu uma pesquisa sobre a terminografia bilíngue (inglês/português) da área de marketing digital a partir de 2021; Nauali Martins Alves, em 2022, trabalhou com os termos de processos judiciais e a questão da possível simplificação desses termos; Guilherme Rodrigues Ferreira inicia, em 2024, um estudo comparativo do vocabulário dos presidentes Lula e Bolsonaro a partir de seus discursos oficiais.

Assim como no caso da IC, noto que, de alguns anos para cá, nosso mestrado vem perdendo relevância em termos de quantidade de inscritos (embora sejamos um programa de excelência, nota 6 na CAPES). A causa muito provável são os novos cursos na área que foram sendo inaugurados em outras universidades públicas próximas à UFU, como a UFCat (Catalão) e a UFTM (Uberaba), ambas a aproximadamente uma hora de carro a partir de Uberlândia. Antes, os ingressantes começavam pelo mestrado; hoje em dia, temos mais doutorandos que mestrandos.

#### 3.5.4 *Área complementar de doutorado*

No PPGEL, até o ano de 2018, tivemos um tipo de orientação denominada “Trabalho de Área Complementar”; o/a aluno/a deveria fazer uma pesquisa, fora

do seu projeto de tese e com outro orientador, para fechar a sua carga horária. O período da pesquisa era de um ano e o objetivo era escrever um artigo para um periódico.

Nessa modalidade, orientei 5 alunos: Carla Regina Rachid Otavio Murad (2011) trabalhou com a terminologia do seriado *Law and Order*; Gyzely Suely Lima (2015) propôs um modelo terminográfico na área de Logística e trabalhou com seus alunos nessa área (disponível em: <http://treino.votec.ileel.ufu.br>); Lauro Luiz Pereira Silva (2016) fez estudos exploratórios envolvendo a criação de um vocabulário bilíngue sobre ensino-aprendizagem de língua estrangeira em ambientes virtuais de aprendizagem; Jacqueline Ribeiro de Souza (2018) preparou sequências didáticas para o ensino de espanhol a partir da metodologia *Data-Driven Learning* (DDL); Cristiane Manzan Perine (2019) propôs um vocabulário técnico bilíngue português-inglês sobre letramentos.

### 3.5.5 Doutorado

Após os dois alunos de mestrado defendidos, comecei a orientar doutorandos a partir de 2014. Minha primeira doutoranda, Solange Aparecida Faria Cardoso, já era minha orientanda de trabalho de área complementar, mas que decidiu inverter os trabalhos e orientadores, tornando seu então projeto complementar em doutorado (e vice-versa). Meu primeiro orientando regular de doutorado foi Márcio Issamu Yamamoto (hoje colega da Universidade Federal de Jataí), que continuou sob a minha supervisão e emendou o mestrado com o doutorado.

A tendência de emendar o mestrado e o doutorado foi seguida por mais quatro orientandos: Daniela Faria Grama propôs, a partir de 2017, o CoTex (Conte Comigo para Coesão Textual), uma página web para ajudar os alunos do Ensino Médio com a melhora no uso de elementos de coesão em suas redações; Neubiana Silva Veloso Beilke, após o desenvolvimento de seu *Pommersche*

*Korpora* no mestrado, propôs, a partir de 2017, a descrição de verbos e substantivos neste dialeto alemão ainda vivo no Brasil; Candice Guarato Santos preparou um estudo contrastivo (2018), na plataforma VoTec, sobre a questão da simplificação de definições de termos, para fins de divulgação científica, na área de Angiologia (como ilustrado na figura 5); Joel Victor Reis Lisboa desenvolveu um vocabulário terminológico de conceitos de língua, o VTCL, a partir de 2021.

Continuando com os alunos que emendaram mestrado e doutorado, mas cujas pesquisas ainda estão em andamento, temos: Lucas Amâncio Mateus (2022), que aumentou seu escopo para um estudo trilingue (português, espanhol e inglês) sobre os termos do Marketing Digital; Fernando Paulino de Oliveira continuou, a partir de 2022, com o desenvolvimento do ToGatherUp (desta vez, com uma metodologia inovadora para a elaboração do *software*); Marden Aleandro Rangel começou, em 2022, a montar (a partir de 25 anos de estudos acadêmicos) uma proposta de análise linguística para textos literários a partir da metodologia da Linguística de *Corpus*.

Além desses alunos que continuaram sob minha orientação, 3 novas alunas iniciaram o doutorado diretamente comigo: Kyssila Divina Cândido Melo Macêdo (2021) trabalha com uma análise diacrônica de definições em termos ficcionais na área médica; Josiane Tavares Silva (2024) elaborará um vocabulário das séries de ficção-científica ligadas à *Star Trek*; Camila de Lima Severino Borsato Mendonça (2024) trabalha com a criação de definições de termos literários a partir de correspondências de autores de ficção.

### 3.5.6 Supervisão de pós-doutorado

Senti-me senti honrado por 2 colegas terem me escolhido para suas pesquisas de pós-doutoramento em 2024: Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves, professora da Universidade Federal de Catalão (UFCat), continuou suas pesquisas sobre lexicografia pedagógica e a possível interseção delas com a

minha proposta de terminografia pedagógica em sala de aula e o uso do VoTec para ensinar os alunos a trabalharem com termos específicos dentro de um universo escolhido; Renato Rodrigues Pereira, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), pesquisa a elaboração de definições no desenvolvimento de seu *software* (*Diccionario monolingüe de formas homónimas en español para aprendices brasileños* - DMHE) e, mais especificamente, da elaboração das definições dos verbetes em contraste com obras similares já publicadas e a testagem do material resultante a partir de inteligência artificial.

Um desdobramento das minhas pesquisas na área de desenvolvimento de *software* linguístico é a extensão do/a desejo/necessidade de criar novas plataformas e *software* por parte dos meus orientandos. Na verdade, eu sempre os/as incentivei a criarem seus próprios programas e plataformas, para que sirvam não só para alavancar as pesquisas linguísticas no Brasil, mas também para se transformarem em um cartão de visita desses pesquisadores. Acredito, pela quantidade de *software* desenvolvida, que estamos no caminho certo.

### 3.6 O gestor

Sempre brinco com os colegas que numa universidade pública, ao contrário do que propagam o tempo todo, não desempenhamos nossos papéis apenas no tripé ensino, pesquisa e extensão, mas também na gestão – o que se configura como um “quadripé” ou a mesa completa! Embora eu divida o trabalho de gestor entre gestão científico-acadêmica e institucional, é na segunda que, até hoje, continuo me engajando mais.

#### 3.6.1 Gestão científico-acadêmica

A ciência brasileira depende muito do nosso trabalho voluntário para que continue sobrevivendo. Esse trabalho está muito ligado à editoração de

periódicos (já aqui mencionada), mas também à manutenção deles. Além disso, no serviço público, é inevitável participarmos de bancas de concurso.

#### *3.6.1.1 Conselhos de periódicos*

Não basta ser editor, tem que dar parecer também... Pelo menos, é o meu mote. Assim com participação em bancas de trabalhos de conclusão, também é pelos pareceres de textos científicos que aprendemos muito sobre a nossa área.

Além de periódicos que já não circulam mais (DiversaPrática, Revista Factus), participo das comissões científicas (ou conselho editorial) das seguintes revistas: Coralina, Linguagem e Cidadania, Polissema (Portugal), Porto das Letras, Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Revista Virtual de Estudos da Linguagem e Letras & Letras. Além dessas, já fiz inúmeros pareceres *ad hoc* durante toda a minha carreira acadêmica.

#### *3.6.1.2 Bancas em comissões julgadoras*

No começo da minha carreira na UFU, participei de algumas bancas de concurso público (UnB, UFMG e UFU) e de processo seletivo (UFU). Com o passar do tempo, perdi um pouco o interesse em participar dessas bancas, por serem extensas demais (em termos de tempo). Além disso, quase sempre estou impedido, pois frequentemente algum ex-orientando presta algum dos concursos para os quais sou chamado como membro de banca.

### *3.6.2 Gestão institucional*

Um dos TOCs que fui desenvolvendo nas universidades particulares era a tentativa de participar, ao máximo, de instâncias possíveis dentro dos organogramas delas, com a intenção objetiva de aparecer, ser convidado para mais coisas e fazer mais dinheiro. Foram tantos anos nessa prática que acabei me acostumando e, mal entrei na UFU, já estava em algum cargo. Acabei

descobrimos, com o passar do tempo, que também gosto de participar da gestão da universidade. A sobrecarga de trabalho é grande e o reconhecimento nem sempre vem em forma financeira (quase sempre vem em forma de mais trabalho, já que você “dá conta” de tudo), mas saber que estou ajudando a universidade que me acolheu é gratificante.

#### *3.6.2.1 LabLing*

Ainda em 2009, a convite da direção, assumi o Laboratório de Línguas (LabLing); aceitei a tarefa porque já havia trabalhado, por um certo tempo (na FISK), com laboratórios de língua no mesmo molde. Naquela época, o laboratório se propunha como um espaço tradicional para o ensino de pronúncia e era muito usado por professores e seus respectivos alunos.

#### *3.6.2.2 Núcleos*

Dentro do sistema da UFU, as unidades acadêmicas são divididas entre faculdades e institutos, e os institutos são divididos em cursos; cada curso contém um núcleo de professores. Logo que entrei no ILEEL, me tornei coordenador do Núcleo de Línguas e Literaturas Estrangeiras (NUCLE, que compreendia os cursos de Inglês, Francês e Espanhol); fiquei quatro anos nessa função. Posteriormente, com uma nova configuração dos cursos do ILEEL, o inglês se tornou o Curso de Graduação em Letras: Inglês e Literaturas de Língua Inglesa e um novo núcleo se constituiu, o NUCLI (Núcleo de Língua Inglesa). Novamente, fui coordenador por mais 4 anos. O trabalho, nesse caso, era mais burocrático, de organizar reuniões, gerenciar as atribuições de aulas (que, aliás, faço até hoje, mesmo não sendo coordenador), cuidar da comunicação com a direção, manusear o sistema SEI etc.

### 3.6.2.3 *Comissões*

É inevitável: basta entrarmos no serviço público que somos “laçados” para participar de alguma comissão. Não foi diferente no meu caso: comissões organizadoras de eventos (como os SEPELA, no PPGEL), comissão permanente de curso (PARFOR), comissão de elaboração de Plano Político Pedagógico (PPC), comissão de redimensionamento de docentes do ILEEL (Codivado), comissão PROEX (no PPGEL). Com o passar do tempo, nossa vontade de participar de tantas comissões vai se esvaindo...

### 3.6.2.4 *Colegiados*

Fui membro de colegiado de curso de graduação EaD (antigo PARFOR, atual LID) entre 2012 e 2013 (e, novamente, por curto período, em 2015). Mas a minha maior participação, em colegiados, se dá na pós-graduação: fui membro do colegiado do PPGEL entre 2013-2016 e 2021-2025, totalizando 8 anos.

Além da pós-graduação, fui o primeiro coordenador do Núcleo Docente Estruturante (quando a instância foi criada pelo governo) do inglês na graduação presencial (entre 2010 e 2011) e EaD (entre 2013 e 2015). Mais recentemente, estou desde 2018 no NDE e desde 2021 como seu presidente.

### 3.6.2.5 *Conselhos*

Além de coordenar os núcleos, também participei, como representante desses, no Conselho do Instituto de Letras e Linguística (CONSILEEL) por 8 anos. Além do ILEEL, fui conselheiro na editora da UFU (EDUFU) por 4 anos, como representante do Fórum dos Editores de Periódicos (FEP) da universidade. Como representante da UFU, participei, por 4 anos, do Conselho Editorial do SciELO Livros.

### 3.6.2.6 Coordenador de curso

Trabalhar diretamente com alunos de graduação nunca foi, exatamente, o meu sonho. Mas, por um curto período, desempenhei o papel de coordenador de curso no PARFOR: de 01/02/2016 a 31/07/2016.

### 3.6.2.7 Editora da UFU

Por já ter desempenhado o papel de conselheiro na editora da UFU (EDUFU) por um certo tempo, fui convidado, pelo reitor da gestão 2017/2020, para assumir o papel de diretor da mesma. Foi um trabalho bastante desafiador, não só por nunca ter exercido um cargo de direção antes, mas também pela situação em que se encontrava a editora, tendo que dirigir tanto os serviços editoriais quanto os gráficos. Costumo brincar que a passagem pela editora (4 anos) foi como um novo doutorado.

Quando assumi, a EDUFU estava com uma fila de mais de 50 livros atrasados para publicação, um estoque de mais de 25 mil livros (estragando num depósito), uma gráfica quase sem servidores (por causa de aposentadorias e extinção de cargos) e com pouco pessoal. Acredito que, nos quatro anos que lá permaneci, consegui realizar vários feitos: fechei a gráfica (que só dava prejuízo para a universidade, porque contava, basicamente, com o serviço de pessoal externo) e transferi, via edital, o serviço de impressão para terceiros; coloquei a fila de livros a serem publicados num patamar razoável; extingui o estoque (com ações de doação para alunos e entidades); enfatizei a publicação online gratuita como forma de divulgar melhor a editora (entrando, inclusive, para o SciELO Livros), com a inclusão dos livros publicados no repositório digital da universidade; reformatei o modelo de gerenciamento dos periódicos da universidade, chegando a 40 títulos editados pela EDUFU; criei uma nova forma de gerenciamento dos servidores ali lotados; estabeleci a adoção de editais para coleções e livros avulsos (ao invés dos pedidos em balcão); fortaleci o

relacionamento da editora com a ABEU (Associação Brasileira de Editoras Universitárias); acabei com a impressão de teses e dissertações, que passaram a ficar disponibilizadas apenas de forma online no repositório; criei a série e-Classe para a divulgação online das licenciaturas. Mais uma experiência editorial muito importante na minha vida.

#### 3.6.2.8 DIRPS

Tendo muito contato com o antigo pró-reitor de pós-graduação enquanto diretor da EDUFU na última gestão, o mesmo (agora reitor da UFU), me convidou para assumir, a partir de janeiro de 2025, um cargo na Divisão de Elaboração (DIVEL) na Diretoria de Processos Seletivos (DIRPS), ligada à pró-reitoria de graduação (PROGRAD). Estou responsável, atualmente, pela coordenação da elaboração das provas de processos seletivos (como o Vestibular e os concursos para técnicos) da UFU.

### 3.7 Métricas

Muito do que produzi no ambiente universitário não está disponível no Lattes (ou, se está, não é quantificado) ou não entrou nesse memorial. Mas há um jeito de medir todo o nosso esforço: as progressões e promoções que fizemos durante nossa carreira. No caso da UFU, a figura 15 representa o caminho de todos os profissionais do magistério em regime de 40 horas com dedicação integral, que é o meu caso. O meu percurso na UFU, especificamente, está representado nas três últimas linhas.

Figura 15 – Pontuação de promoção/progressão UFU.

| Classe | Denominação  | Titulação | Nível |     |     |     |
|--------|--------------|-----------|-------|-----|-----|-----|
|        |              |           | I     | II  | III | IV  |
| A      | Auxiliar     | G, A ou E | -     | 600 | -   | -   |
|        | Assistente A | M         | -     | 610 | -   | -   |
|        | Adjunto A    | D         | -     | 630 | -   | -   |
| B      | Assistente   | G, A ou E | 620   | 630 | -   | -   |
|        | Assistente   | M         | 630   | 650 | -   | -   |
|        | Assistente   | D         | 650   | 670 | -   | -   |
| C      | Adjunto      | G, A e E  | 640   | 650 | 660 | 670 |
|        | Adjunto      | M         | 660   | 680 | 700 | 720 |
|        | Adjunto      | D         | 700   | 730 | 760 | 790 |
| D      | Associado    | D         | 840   | 880 | 920 | 960 |
| E      | Titular      | D         | 1000  |     |     |     |

No quadro 7, mostro a soma das pontuações dos oito níveis (a primeira progressão foi de Adjunto 1 para Adjunto 2) que percorri na UFU.

Quadro 7 – Totalização da pontuação de progressões/promoções.

| <b>Denominação</b> | <b>Pontuação</b> |
|--------------------|------------------|
| Adjunto 2          | 730              |
| Adjunto 3          | 1139             |
| Adjunto 4          | 3893             |
| Associado 1        | 4011             |
| Associado 2        | 3488             |
| Associado 3        | 7338             |
| Associado 4        | 3343             |
| Titular            | 3089             |
| <b>Somatória</b>   | <b>27031</b>     |

Eu precisaria de 6880 pontos para chegar a titular, mas, efetivamente, realizei uma somatória de 27031 pontos.

## 4 Considerações finais

A escrita deste memorial foi um trabalho árduo (pois a memória precisou ser reavivada o tempo todo pela documentação que guardei), mas muito gratificante. Ao contrário de muitos colegas, que reclamam constantemente do preenchimento do Lattes (enquanto outro nem se dão ao trabalho de pensar no assunto), manter um currículo (ainda que público) do que já fizemos é uma forma de não nos esquecermos de todas as nossas realizações.

Quero acreditar que, nesses 35 anos de magistério e, mais especificamente, 23 anos de ensino superior, eu tenha contribuído um tantinho para a análise e a divulgação da ciência Linguística no Brasil. E ainda vou tentar contribuir mais um bocado, já que a aposentadoria está longe... Que as escritas, as orientações e as interações com os colegas sejam longas!